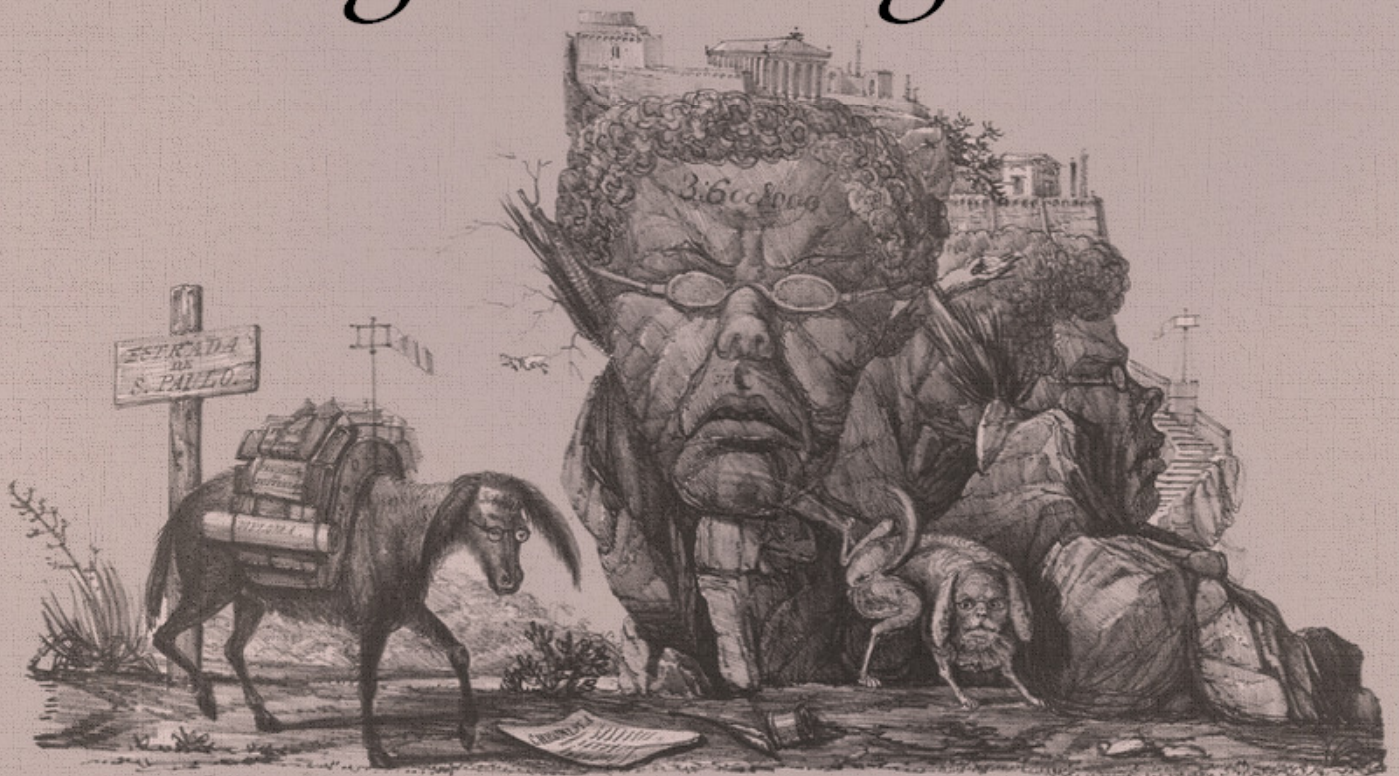


Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Dicionário

*Dicionário Humorado  
da  
Língua Portuguesa*



João Fernandes



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# João Fernandes

*Dicionário Humorado da Língua Portuguesa*

---

Título original

*Lições de Língua Portuguesa pelos processos  
novos ao alcance de todas as classes de Portugal  
e Brasil*

---

Atualização ortográfica

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1878.

**Nicolau Tolentino de Almeida  
(1740 – 1811)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 393**



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português João Fernandes: *“Dicionário Humorado da Língua Portuguesa”*.

É isso!

Iba Mendes  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

# ÍNDICE

A QUEM LER.....	1
A .....	3
B .....	10
C .....	13
D .....	21
E .....	25
F .....	28
G .....	32
H .....	34
J .....	38
K .....	40
L .....	41
M .....	44
N .....	48
O .....	49
P .....	50
Q .....	60
R .....	62
S .....	65
T .....	69
U .....	72
V .....	74
w .....	77
X .....	81
Y .....	82
Z .....	78
NOTA FINAL .....	80

## A QUEM LER

Por bem entendido orgulho, resolveu o autor deste livro não privar o seu nome da gratidão dos contemporâneos. Honra lhe seja!

Do seu trabalho se pode dizer sem lisonja; que reúne o *utile dulce*. Instrui e deleita, inspirou-lho um opúsculo francês, de índole semelhante, intitulado: *Le Carnaval du Dictionaire*.

Pretendeu o nosso autor demonstrar que também a riquíssima língua portuguesa se presta a graciosas evoluções, aos *traits d'esprit*, e ao *humour* dos idiomas francês e inglês. Ousará alguém dizer que ele se não saiu vitorioso da empresa? Estou que ninguém se atreve. Bons ditos, agudezas, epigramas, finas ironias, sátiras, crítica de costumes, tudo aqui se encontra, mais ou menos floreado, conforme requer cada assunto.

É possível que não falte quem faça má cara às definições simples e claras da maioria dos vocábulos; e que por essa mesma ingenuidade não as acreditem nem aceitem. O autor não se desconsola por isso. Ele sabe que quanto mais grosseiro for um erro, mais facilmente será admitido; ao passo que raros crêem na verdade pura. Há pouco mais de trezentos anos ainda se supunha que as marrecas (aves semelhantes ao patos) nasciam da madeira dos mastros, dos remos e das tabuas de barcos velhos apodrecidos pelas águas; e quando Childrai asseverou que as tinha visto ao norte da Escócia pôr e chocar os ovos como os outros palmípedes, pouco faltou para que o engolissem vivo! O abade de Valmont, refutando-o em pomposos discursos, no começo do século passado, provava triunfantemente, com aplauso de todo o *mundo sábio*, que, sendo as marrecas “animais de sangue frio, como os peixes, não podiam chocar”, e que as perseves eram larvas de marreca e também plantas marinhas, e que delas se formavam as citadas aves!

Nada custa mais a aceitar do que as verdades singelas, sobretudo se elas não lisonjeiam a tolice humana! Ora o autor tem a consciência de não haver cometido esse pecado, assim como a de ter feito uma obra digna do seu tempo. Roam-na, portanto, como puderem: a posteridade lhe fará justiça.

No apimentado da linguagem seguiu-se o sistema do sábio Raspail, com o fim de afugentar os vermes... literários. Os conceitos, assim temperados, não embucharão tanto os estômagos esquisitos, embora algumas vezes produzam irritabilidade passageira, proveitosa para todos os linfáticos.

Por entre os gracejos encontram-se muitas verdades instrutivas, com aplicação às criaturas hipocondríacas e dispépticas. Não ignorava o nosso autor que

trabalhava para o futuro, e que o seu livro seria o único dicionário sério adotado por vindouros ilustrados; mas nem se desvaneceu com essa certeza, nem quis em monumento de tão sublime labor título de armar ao efeito. Podia ter-lhe chamado, com assaz de propriedade, *Dicionário de pimenta na língua*, ou, mais cruamente, *tira-pele, escacha-pecegueiros, leva couro e cabelo*, etc. Preferiu, contudo, o simples título de *Dicionário de João Fernandes* para o maior padrão da moderna literatura portuguesa. Que modéstia, tão digna de elogio no século corrupto em que todos se gabam e louvam a si publicamente!

E contudo o que mais estava aqui a calhar era *Dicionário raboleva*. Cousa de pôr e tirar, sem a mínima idéia de ofender, que não faz mal nenhum, e que vem tanto a propósito nestes tempos de carnaval perpetuo. *Raboleva* é como quem diz carapuça. Mas a carapuça, no sentido intimo e transcendental, é invisível para todos e só a sente quem a põe. Ao passo que *oraboleva* são os outros que o vêem em nós e nos gritam:

— Raboleva!

Que admirável invenção! É claro que só os tolos lhe não achariam graça. Confessem, porém, todos que o não forem, que o autor foi o homem mais modesto do seu tempo, privando a sua obra desse título *palpitante de atualidade*, e assim provarão que sabem ser superiores a invejas mesquinhas.

O livro porém não carece de nomes pomposos para se tornar célebre. Ele aí vai, eu acho-o bom, sou de voto que o aproveem para os colégios, que o compre toda a gente, e peço a imortalidade que me compete... a seis tostões por cabeça.

*João Fernandes*

Autor da dita obra.

*N. B. — P. S.* Os artigos desengraçados, ou obscuros, não são meus. Traduzi-os do francês e do chin. Eu só fiz os que tem graça.

*J. F.*

## A

**ABA** — Diz-se de mesa, em vulgar; mas no estilo poético toma-se por pétala da flor chamada orçamento, onde pousam mais zangãos do que abelhas.

**ABADA** — Por um singular capricho da língua dá-se este nome ao corno do rinoceronte, e às canastradas de leis mais duras de roer, que os parlamentos aprovam sem exame, no fim das suas sessões!

**ABAETADO** — Pano grosseiro com que alguns grandes homens vestem a sua delicadeza.

**ABAFADIÇO** — O ar da independência, para certos patriotas.

**ABAFADO** — Vinhito sofrível antes de se ter inventado o *oidium*, a *philoxera*, a flor de enxofre, a baga de sabugueiro, o campeche, a anilina, a fuchsina, e outros ingredientes capazes de estourar o estômago do grande diabo.

**ABAFADOR** — Sujeito que não deixa falar os outros; amigo zeloso, que abafa o alheio para que se não constipe.

**ABAFAR** — O mesmo que atabafar; cobrir ou esconder o que é dos outros, de modo que os donos não vejam.

**ABAIXAR-SE** — Maneira de poder andar seguro por caminhos difíceis.

**ABALIZADO** — Grande comedor.

**ABJEÇÃO** — Usar botas sem meias.

**ABJURAR** — Tem, em política, muitos significados pitorescos: virar a casaca, mudar de cara, roer a corda, passar o pé, atirar as cangalhas a terra, etc. Em religião: Deitar um rombo de madeira nova Num barco podre.

**ABSOLVIÇÃO** — Dar um bispado *in partibus infidelium*.

**ABUSO** — Planta nociva, que grela e rebenta por toda a parte; as verrugas nacionais.

**ACADEMIA** — Cozinha literária e científica, da qual nem todas as comidas são gratas ao paladar.

**AÇAMO** — Ponto de contato entre o cão e o jornalista, nos países em que a rolha faz parte das instituições.

**ACANHADA (MULHER)** — Capilé de cavalinho.

**ACANHAMENTO** — Casaco apertado.

**ACIONISTA** — Única espécie de mosca, que se apanha com vinagre... de sete ladrões.

**ADMIRAÇÃO** — Sentimento que só nos acomete diante das nossas obras, ou quando nos vemos ao espelho.

**ADULAÇÃO** — Música da ária do servilismo.

**ADVOGADO** — Ator que representa autos.

**AFEIÇOADO** — O que apenas diz mal de nós, em vez de também nos bater.

**AGIOTAGEM** — Montado, onde se engordam aves de rapina; monturo, onde os cogumelos são venenosos.

**ÁGUA** — *Rara avis in Olissipone*. O sonho de Lisboa; coisa que muitos corpos nunca viram; horror de certas caras.

**AJUDA (DE CUSTO)** — Clister que todos gramam com gosto.

**ÁLBUM** — Vítima que faz vítimas. É o caso de excluir: *Abissus abissum invocat*; máquina de achatar poetas.

**ALCANCE** — Descuido inteligente que faz correr dinheiro dos cofres públicos para os particulares.

**ALEGRIA** — Prêmio na loteria da vida.

**ALEXANDRINO** — Verso: o elefante da poesia; homem: o pigmeu dos Alexandres.

**ALGIBEIRA (CHEIA)** — Alma nova; (VAZIA) Veia sem pinga de sangue.

**ALGODÃO** — Matéria prima da beleza plástica. Tranquilizai-vos, senhoras; todos fazemos de conta que não percebemos.

**ALIMENTÍCIOS (GÊNEROS)** — Misturada infernal, em que todos os artigos tem drogas suspeitas. Há de vir um tempo em que o consumidor, para se livrar de ser roubado e envenenado, com assentimento da autoridade pública, terá de ir procurar a subsistência nas origens de todos os gêneros. Mais claro: Para comer sem repugnância e sem perigo, terá que imitar os quadrúpedes, e, posto ao lado deles, pastar nos campos o trigo infantil e virgem de toda a combinação tóxica. Concorrerá com os cães às vinhas, e aí se regalará com os puros cachos ideais



(estilo da *idéia nova*), isentos do mistifório horrendo que mais tarde lhes mistura no sumo o taberneiro boçal, ou qualquer outro ladrão e assassino da mesma laia. Cortará o seu bife do boi vivo (á moda dos bem-aventurados do paraíso escandinavo, que os comem de um javali sempre inteiro), e mamará com os vitelos seus colaços a manteiga e o queijo na fonte original da teta incorrupta (salvo o caso de ter bexiga, o que desde logo nos evitará a vacina). Enfim, senhores tendeiros, merceeiros, comercieiros, taberneiros, leiteiros, açougueiros, peixeiros e mais varões da magna caterva dos envenenadores públicos (exceções honradas à parte, se ainda as ha), em chegando esse tempo, que os vossos abusos atraem fatalmente, levar-vos-ão todos os diabos e às vossas caranguejolas de química assassina, o que será de grande alívio para o resto da humanidade e de jubilo para este que vos admira como fluidos, e vos detesta como patifes, se acaso o sois, o que não é lícito duvidar. Para esse tempo espero em Deus que a vossa raiva impotente vos faça rebentar como morteiros em arraial saloio. Amém.

**ALMANAQUE** — Pasteleiro sem molho.

**ALOPATIA** — Antiga companhia de pompas fúnebres, furiosa por lhe terem criado concorrentes ao seu monopólio.

**ALVEITAR** — Pobres bestas! Não poderem, ao menos como nós, dizer onde lhes doe, para que as matem em regra!...

**ALVEITARIA** — Arte de estourar brutos.

**ALVIELA** (RIO QUE há DE TRAZER ÁGUA A LISBOA) — Um mito.

**AMA** — Caricatura da maternidade.

**AMABILIDADE** — Virtude dos ministros que prometem sem tenção de cumprir; chave de abrir corações.

**AMADORES** (DE TOURADAS) — Membros das sociedades protetoras dos animais; (DE BELAS ARTES) — Entes inofensivos, que os artistas fingem tomar a sério para que lhes comprem as obras; (DE ANTIGUIDADES) — Vítimas felizes da indústria moderna; (DA BELEZA FEMININA) — Idealistas; (DE TEATRO) — Estômagos de bronze, que digerem desde a lama do lupanar e o ópio até o chavelho e o ferro velho; (DE BOA MESA) — são as pessoas mais razoáveis, e assim mesmo se lhes impinge amiúde gato por lebre.

**AMAR** — Sofrer, desde a dor de cotovelo até à cólica do medo; prelúdio de bebedeira.

**AMARGURA** — Rua que vai da cadeia ao tribunal.

**AMBIÇÃO** — A nossa, é sempre nobre. A dos outros, baixa e vil.

**AMIGO** — Inimigo domesticado.

**AMIGOS** — Sujeitos de que é bom desconfiar para se não ser logrado.

**AMIZADE** — Pedra filosofal do janota; chapéu de chuva que se volta do avesso logo que há mau tempo.

**AMOLAR** — Passar a língua sobre as manchas da reputação alheia, para as lavar, à maneira do gato.

**AMOR** — Pedra preciosa, que se dava de graça, e por isso desapareceu há muito tempo. Jovens incautas, desconfiai das paixões a vintém a linha nos anúncios dos jornais. Se os pretendentes sérios falham tantas vezes, que esperais dos que se vos apresentam a declamar prosa pífia e sem gramática, entre o bacalhau frescal dos srs. Martins, e os chapéus da sr.<sup>a</sup> D. Cecília?

**ANALFABETO** — O mais feliz dos entes. Perdoem os partidistas da instrução a todo o transe. Antes de se pensar na escola seria útil dar pão aos que se pretendem obrigar a frequentá-la. Criar-lhes, em vez disso, necessidades que traz a educação, sem lhes proporcionar os meios de as satisfazer, não é beneficiá-los, é pervertê-los. Desculpem ss. ex.<sup>as</sup> a este pobre diabo, que apalpa com frequência o positivismo da vida por falta de tempo e de pachorra para subir aos mundos ideais. Peço-lhes, porém, que, antes de legislar, estudem um pouco o homem. As suas ilustres pessoas são as que lhes ficam mais à mão. Consultem-se a si próprios, e digam se, cônscios como devem ser dos seus merecimentos, os julgam convenientemente reconhecidos e remunerados pela sociedade. No caso de se acharem bem retribuídos, plenamente satisfeitos com a sua sorte, e convencidos de que não tem direito para aspirar a melhor estado, decretem a instrução obrigatória; e não só a primaria e secundaria, senão também a superior. Se, porém, julgam que a sua inteligência, os seus talentos e estudos merecem mais alta consideração, os que pretendem educar virão também dentro em pouco a ter de si próprios igual opinião. E não tendo ss. ex.<sup>as</sup> meio de se melhorarem a si, como puderam satisfazer as necessidades que terão criado aos povos, a uma nação inteira? Não citem a Alemanha a propósito de tudo, porque já parece despropósito. A Alemanha, sobretudo a Prússia, onde todos sabem ler, não tem talvez um único habitante contente com a sua sorte. Despeja-os aos milhares nos Estados Unidos, e como este país já rejeita emigrantes, procura no Brasil um ponto, onde caibam 500:000 de uma assentada! Este magno assunto não é para aqui. Mas, repito, que será bom dar primeiro o pão aos que o não tem, e depois muito embora lhes dêem o ensino. Meus senhores, muito boa noite. Estou a cair com sono, e faço a vv. ex.<sup>as</sup> a

justiça de acreditar que não terão menos do que eu, depois de lerem este artigo.

**ANARQUIA** — Isso é com os sábios modernos.

**ANATOMIA** — Arte de aprender a trinchar sem garfo.

**ANTECÂMARA** — Lugar onde os que são mais lacaios não usam libré.

**ANTROPÓFAGO** — Agiota que faz muito negócio.

**ANZOL** — Rapariga bonita; velha endinheirada.

**APAGADOR (PARLAMENTAR)** — Coveiro da eloquência.

**APARÊNCIAS** — O pudor da sociedade; a primeira coisa que se deve salvar em todos os naufrágios.

**APETITE** — Sócio gerente do estômago.

**APITO** — Grilo, que em vez de estar engaiolado, na maioria dos casos, leva outros para a gaiola.

**APOIO** — Perguntem aos pobres ministros quanto lhes custa o de certas firmas...; muletas de ouro.

**APOLO** — Improvisador do fado.

**APÓLOGO** — O alfaiate da verdade.

**APOPLEXIA (FULMINANTE)** — Prêmio grande na loteria dos infelizes; (PARCIAL) — Primeiro aviso para o pagamento da contribuição... à morte; mandado de despejo sem aviso prévio.

**APOSTASIA** — Jogo da cabra cega.

**APROVAR** — Serviço das maiorias parlamentares.

**ARCO** — Dizendo as autoridades que é monumental, preparem-se para ver uma coisa feia, pesada, que esmaga a vista, o espírito e o gosto, mistifório de todos os estilos, sem ter nenhum, amontoamento de pedregulhos enormes, um aleijão, enfim, que custa centos de contos de réis e entretém, durante longos anos, os ócios dos basbaques e os dos comedores; sendo arco simples, procurem nas pipas.

**ARGUMENTO** — Metralhadoras em exercício.

**ARMA** — Muleta do absurdo.

**ARQUEADO** — Sevandija.

**ARQUEAMENTO** — Estilo das pessoas que tem a espinha dorsal muito elástica e a cabeça com pendor para o lado... da sabujice.

**ARREATA** — Um artigo de fé absolutista; mais necessário a certos homens do que a certas bestas.

**ARREPENDIMENTO** — Caldo requentado.

**ARSÊNICO** — O vinho que se vende nas tabernas de Lisboa. O povo chama-lhe judiciosamente *mata-ratos*.

**ARTISTA** — Pessoa engenhosa, que agênciava a vida nas algibeiras alheias; malandrino, desde que a qualificação se passou das belas para as malas-artes.

**ÁRVORE** — É nela que o homem corrige Deus e a natureza, afeiçoando-a de modo que, segundo a sua opinião, fica mais graciosa do que a fizera o Criador.

**ASNEIRA** — Uns por não ver, outros sem saber e muitos sem querer: todos a fazer viver; cala-te e pára! O que ias dizer, é uma; o que tentas fazer, é outra; sentinela, brada às armas, que s. ex.<sup>a</sup> vai passar; quem poderá gabar-se de não lhe render preito?!; divindade que está em toda a parte.

**ASNO** — Parece que foi aos de dois pés que Deus disse: “Crescei e multiplicai-vos”. O seu número tem encarecido tanto a palha, que já se dá pão a muitos; tão feliz, que até supõe que o não conhecem!

**ASQUEROSO** — Escritor sem vergonha. É o piolho da literatura.

**ASSASSINO** — Sujeito que arranja meio de viajar de graça... para a África.

**ASSEIO** — O luxo do pobre... que ele raras vezes tem.

**ATESTADO** — Chave falsa, que se dá ao criado despedido para ele se introduzir na casa alheia.

**ATEU** — Inovador da pior espécie. Crê que as máquinas precisam de que alguém lhes dê impulso para poderem andar, e duvida de que o universo tenha um regulador supremo! Senhor, Senhor! Para quem criaste a palha?!...

**ATOR** — Proteu por conta alheia.

**ATRASADO** — Relógio do progresso português. Quanto mais lhe mexem, pior fica e mais vezes pára.

**ATRIZ** — Espelho de refletir paixões; flor artificial.

**AUDÁCIA** — *Audaces fortuna juvat*. Traduzido em vulgar, quer dizer: Quem for tolo, peça a Deus que o mate e ao diabo que o carregue; talento dos insignificantes.

**AUTOR** — Ente paradoxal. Acredita no seu talento; paródia de Deus.

**AUTORIZAÇÃO** (DOS PARLAMENTOS AOS GOVERNOS) — Viagem por mar desconhecido.

**AVARENTO** — Homem que aferrolha no limbo da arca as almas das algibeiras.

**AVENTUROSO** — Espírito de gato.

**AZEDO** — Chefe de repartição que tem a consciência de valer menos que os seus subalternos.

**AZORRAGUE** — Instrumento muito eloquente, quando o tocam com alma.

**AZUL** — A cor do céu, a do mar e a do ministro derrotado pelas cortes.

## B

**BABA** — Humor que deposita o caracol literário nas folhas que rói.

**BAILARINAS** — Ilusões pintadas.

**BAIXEZA** — Meio de elevação.

**BALA** — Objeção penetrante.

**BALANÇA** — Salvo-conduto de vários ladrões.

**BALÃO** — Imitação de certos potentados. É grande, oco, e não sabe dirigir-se; mineiro do infinito.

**BALOFO** — Homem sem miolo, ou cheio de palha.

**BANANA** — Entre os homens, caracol sem casca.

**BANCA-ROTA** — Fenômeno físico produzido por uma prisão de ventre. Os intestinos não restituem os laxantes, e causam o volvo.

**BANCO** — O dos réus atrai as pessoas hábeis, que mandam gente para o do hospital, ou que fazem concorrência ao que emite dinheiro.

**BANDALHO** — Bacalhau fresco e homem podre.

**BANQUEIRO** — Artista que faz bancos. Cuidado, não caiam!

**BARALHO** — Orçamento do estado.

**BÁRBARO** — Indígena, que não é aplaudido pela sociedade protetora dos animais, nem sequer por estes.

**BARQUEIRO** — Caronte piorado.

**BARRIGA** — Demônio familiar, que desculpa e justifica tudo.

**BASTARDIA** — Uma vanglória, quando instituída pelos reis; uma vergonha, quando criada pelo povo.

**BASTARDO** — Uma letra e uma uva. A afinidade provém de que o sumo da uva se engarrafa, e a letra é garrafal; linhagem com que se embrulham muitas famílias nobres.

**BATALHA** — Maneira de ter razão, à moda dos brutos.

**BATATAS** — Gênero decadente, desde que os ilegíveis as empurram aos eleitores.

**BATERIA** — As de cozinha são muito mais úteis à humanidade do que as de artilharia. Contudo é por estas que as nações fazem sacrifícios! Este fato, por si só, basta para fazer o elogio da nossa espécie!

**BATOTEIRA** — Viúva de dois ou três maridos.

**BEATA** — Emolumento eclesiástico.

**BEIJO** — Uma recordação de Judas.

**BELEZA** — Flor de um dia, que, apesar da sua pouca duração, explica muitos segredos.

**BELISCÃO** — A sátira das unhas.

**BEM-AVENTURADO** — O que sente pela primeira vez atrás da sege que o leva o coito cavalgar do correio ministerial.

**BENDIZENTE** — Gênero que se acabou há muito, e não se manda vir mais. Era da Parvalheira.

**BENEFICÊNCIA** — Uma boa cousa que a vaidade estraga.

**BENEFÍCIO (PRESTADO)** — Coices a haver; **(RECEBIDO)** — serviço de que nos esquecemos para não humilhar quem no-lo fez. Oh! humanidade... Quem não te conhecer que te compre, e verá a prenda que leva!

**BENEMÉRITO** — Sujeito que não rouba quanto pode.

**BENFAZEJO** — Sabe-se que ainda há alguns pelo muito que eles se apregoam a si próprios, como é de justiça. Do contrário, acreditaríamos que tinham acabado inteiramente.

**BENFEITOR** — Pessoa que dá conselhos a quem lhe pede esmolas, em vez de dar bengaladas.

**BENGALA** — Tira teimas; pouco usado.

**BERNARDA** — Rede de pescar empregos e postos.

**BERNARDICE** — Conceito virado do avesso.

**BESTA** — Bicho de varias espécies. O que não come palha é dos piores.

**BEXIGA** — A deusa da atualidade; discurso laudatório.

**BIBLIOTECÁRIO** — Um colega da traça.

**BICHAS** — Prefiram as de rabião.

**BOFETADA** — Conclusão, que em alguns casos se torna princípio; troco dado sem ser pedido; visita mal recebida; resposta em vulto; eloquência da mão direita; argumento sólido.

**BOI** — Animal que muda o sexo depois de morto.

**BOMBA** — Notícia inesperada.

**BOMBEIRO** — Inimigo de inovações.

**BONDADE** — Qualidade que atrai o abuso.

**BORBORIGMOS** — O gargantear das tripas.

**BOTAS** — Terror dos selvagens. Umas botas apertadas, umas calças com suspensórios e presilhas, e um colarinho bem teso — eis os benefícios que a civilização oferece, de envolta com os seus vícios, ao homem primitivo! Entalado, esticado e gemendo dentro dessas prisões, o pobre diabo, costumado a ter como a sua melhor riqueza a liberdade de movimentos, atira com tudo isso para longe de si, no primeiro ensejo, e foge para os seus bosques, arma o arco e espreita por entre as árvores os inquisidores que o atormentaram para lhes agradecer a judiaria com frechadas. Se estes, porém, o avistam primeiro, e lhe mostram de longe uma bota e um par de calças, o desgraçado larga as armas, e precipita-se no rio, preferindo ser comido pelos jacarés, ou morrer afogado, a dar-se em holocausto àquelas máquinas de tratos.

**BOTEQUIM** — Escola de belas-letas e de bons costumes.

**BOTICÁRIO** — Agente do coveiro.

**BRASÃO** — Estudo dos fosseis.

**BRUTO** — Animal comum: morde e dá coice.

**BUGIO** — Paródia humana.

**BURLESCO** — Anuncio em que se prometem enterros pobres fingindo de ricos. É de tentar os defuntos mais exigentes?

**BURRA** — A personificação do amor moderno. Se Balaão cá voltasse, veria o que é eloquência! As burras de hoje tem todas o diabo no corpo, um diabo amarelo e luzente, que faz dar urros a quem o quer apanhar!

**BURRO** — Irracional a quem muita gente faz concorrência.



## C

**CABEÇADA** — Mais vale senti-la sem a trazer do que trazê-la sem a sentir.

**CABELEIRA** — Ilusão.... para quem a traz.

**CABELO** — Uma canção saudosa, cantada em coro por todos os calvos.

**CABRESTO** — Leme que governa à proa. Nem sempre se põe a quem mais precisa dele.

**CAÇA** — A mais procurada é a dos grandes empregos; sobretudo da espécie sinecura.

**CACETADA** — Um dos modos de exprimir o pensamento.

**CACETE** — Uma idéia... política.

**CACHORRO** — Expressão afetuosa, no nosso tempo.

**CADUCIDADE** — Infância sem mãe nem mama.

**CAIM** — Primeiro exemplo de fraternidade, e segunda vitória do mal contra o bem. Desde então tem sido tantos os casos, que já se perdeu a conta deles.

**CAIR** — Emprestar a caloteiros.

**CALÇADO** — Flagelo que se impõe aos selvagens, a pretexto de os civilizar.

**CALEIDOSCÓPICO** — Instrumento, onde cada escola política vê as suas teorias.

**CALO** — Perdão, minhas senhoras! É com o mais profundo respeito, e por interesse vosso, que vos aconselho a não coxear. Não há paixão que lhe resista. Um pé pequeno é belo. Não deixeis suspeitar que ele se parece com um banco de ostras. Cautela com a baixa-mar! Não consintais sequer que o vosso King Charles vos veja tirar as meias. O diabo às vezes arma-as!

**CALOTE** — Ferida ruim.

**CALOTEIRO** — Ente feliz, que achou quem lhe fiasse.

**CALÚNIA** — Nodoa, que se chega à pele nunca mais se tira.

**CALUNIADOR** — Sujeito que atira pedras a uma sombra, e consegue por vezes acertar-lhe.

**CALVA** — Solidão melancólica; terreno esterilizado pelos anos; árvore, de onde caíram as últimas folhas; pedra tumular, em cuja superfície pálida e lustrosa se reflete a morte... dos cabelos.

**CALVO** — Audacioso, que ainda fala verdade... com a cabeça.

**CAMELO** — O mais injuriado dos animais. Até confundem certos homens com ele!

**CAMISA** — Uma convenção social.

**CAMISEIRO** — Aio da pudicícia.

**CANA (DA ÍNDIA)** — Matéria prima das azas de pau.

**CANADÁ** — Uma das nossas glórias passadas, que o litro assassinou.

**CANALHA** — Tomado à francesa, é galicismo; porém a abundância de gênero nacionalizou-o.

**CANÇÃO** — O chiar lírico da frigideira, onde bailam as pescadinhas de rabo na boca.

**CANDIDATO (A DEPUTADO)** — Projeto de cáustico no país.

**CANEIRO** — O cocito de Alcântara. Desemboca no Flegetonte, vulgo Tejo, que é outro lameiro pestilento, nas praias de Lisboa.

**CANGA** — Benção matrimonial.

**CANIBAL** — Grande mamador da teta do orçamento.

**CANO (DE DESPEJO)** — Fornecedor dos cemitérios de Lisboa; um sócio da medicina.

**CANONIZAR** — Fingir que se abre aos outros uma porta de que não se tem a chave.

**CANTO** — A alma buscando outra pátria.

**CANTORA (CÉLEBRE)** — Prodígio de aluguel; escândalo ambulante, à moda Pati.

**CAOS** — Olhai à roda de vós.

**CAPACHO** — Limpa-botas, que ss. ex.<sup>as</sup> elevam às vezes até à altura de poder limpar também as algibeiras à mãe pátria.

**CAPADO** — Mortal do gênero neutro.

**CARA** — Desconfiai das tabuletas.

**CARACOL** — Coração de mulher leviana. Por mais que se lhe corte a cabeça, revive sempre, e apega-se a todas as plantas.

**CARANGUEJO** — Exemplificação dos nossos sistemas de viação acelerada. Isto é: *progresso do retrocesso*, segundo a feliz expressão de um sábio frade Bernardo.

**CARAPUÇA** — Barrete que se põe dando urros íntimos.

**CARÁTER** — Torneira que só quando serve se vê se está rota.

**CARESTIA** — Sinônimo de subsistência, em Lisboa; doença que não convém curar para não ofender Nosso Senhor Monopólio.

**CARICATURA** — O retrato dos nossos amigos.

**CARIDADE** — Virtude, que deixa de o ser quando se mostra; flor do céu, desabrochando no coração humano.

**CARNAVAL** — Tempo em que toda a gente finge doidejar, para fazer supor que é séria no resto do ano; sujidade que se cobre com cinza.

**CARRUAGEM** — Desespero dos que andam a pé, e que se não lembram que as suas pernas não correm risco de tomar o freio nos dentes, como as parelhas dos trens.

**CARTA (AMOROSA)** — Folha da árvore do amor. Amarelece com o casamento.

**CARTAZ** — Programa de governo. Diz sempre a mesma coisa, e nem sequer os que o fazem acreditam nele.

**CASADO** — Boi de canga.

**CASADOS** — A ostra e a pérola.

**CASAMENTO** — Prisão celular perpetua.

**CASAR** — Bolo de amor, que todos querem comer, salvo os que tem medo de indigestões.

**CASPA** — A fina flor mais palpitante da atualidade, que orna as cabeças modernas. Substitui quase as idéias e os cabelos.

**CATA-VENTO** — Pára-raios político; um gastrônomo filósofo. Acha todas as comidas boas, e só exige que outros as paguem por ele.

**CAVALEIRO (FIDALGO)** — Pessoa que, em geral, não usa cavalo.

**CELEBRIDADES** — Pessoas a quem a fama põe chocalhos, às vezes muito bem merecidos, mas muito mal postos.

**CENSURA** — Único prazer dos deuses... invejosos.

**CEPA** — Tronco genealógico do fidalgo que mais alegra a gente.

**CHAPÉU (DE CHUVA)** — Símbolo da amizade. Falha-vos sempre em ocasiões de tormenta.

**CHARUTO** — Uma ladroeira e um envenenamento; arte de aniquilar mais depressa a espécie humana; a mais estúpida de todas as distrações; prova mais generalizada da tolice humana.

**CHEFE** — Há muitos, de família, que antes quereriam ser chefes de ladrões.

**CHEIRO** — Guai de quem aspira o de Lisboa!

**CHICANA** — Papel de apanhar moscas, já muito servido.

**CHICOTE** — A unanimidade de opiniões vai tornando o seu uso inútil. Cada vez há mais quem precise e menos quem dê. Pois é pena!

**CHIMPANZÉ** — Animal que pode intentar ao homem processo de contrafeição.

**CHISPE** — Uma invenção dos grelos de nabo, para se tornarem mais amados e mais caros.

**CHORO** — Carimbo que a dor nos põe amiudadas vezes, para que não passemos por falsos infelizes; carantonha da alma; armadilha de apanhar mama.

**CÍNICO** — Homem-cão. Há grande abundância no mercado, e tem pouca saída; pau estragado pelo caruncho... da imoralidade; criatura que apodreceu por dentro; sujidade que nenhuma água lava.

**CINTRA** — A mais má língua que eu tenho conhecido, dizia, com assaz de indelicadeza, falando da gente e da terra: — “É uma cabeça formosíssima, coberta de piolhos!”.

**CITAÇÃO (HISTÓRICA)** — Bordão de cego; (JUDICIAL) — cabresto posto ao homem para o levar onde ele não quer ir; (LATINA) — condecoração do espírito.

**CIVILIDADE** — Arcaísmo.

**CIVILIZAÇÃO** — Luz que quanto mais intensa mais vicia e devora os pulmões das cidades; graxa de lustro dada nos povos. Quanto maior e mais repetida for a dose, mais depressa se estraga o cabedal.

**CIVILIZADO** — Traste polido de que convém desconfiar. O polimento encobre muitas mazelas, e até, às vezes, madeira podre.

**CLEPTOMANIA** — Doença caracterizada por uma inclinação irresistível para o roubo. É endêmica de certo país que nós sabemos. Deu-se-lhe o nome grego para fingir que a cousa não é com *eles*.

**CLOROFÓRMIO** — Amigo que mata.

**COBIÇA** — Vento que anda no ar que respiramos.

**COELHO** — Ingênuo dos matos.

**COICE** — A idéia em ação.

**COLEGA** — Amigo de Peniche. Por causa dele, convém jantar na gaveta.

**COLÉGIO** — Máquina de estragar crianças.

**CÓLERA** — Nuvens aglomeradas, que podem produzir chuva de sangue.

**CÓLICA** — Cousa que dá na gente em dia de letra vencida, não havendo dinheiro em caixa.

**COMERCIO** — Compra e venda, em que raro não é lograda uma das partes.

**COMPANHIA** — Espécie de jacaré voracíssimo; às vezes devora os próprios filhos. Dantes dizia-se francamente “quadrilha”. Hoje, pelas naturais evoluções da língua, e pela suavidade dos costumes, chama-se-lhe cortesmente “seguro de vidas”, à maneira de certo país que nos ama.

**COMPRAR** — Verbo ativo em tempo de eleições.

**CONCUSSÃO** — Emolumento de certos magistrados.

**CONDECORAÇÃO** — Penduricalho que os homens põem ao peito, para que os tomem a sério.

**CONFEITEIRO** — Perverso, que expõe bonitas guloseimas à nossa vista, e pede dinheiro por elas; o único produtor que não tem direito de se azedar, se quiser vender doce.

**CONFESSOR** — Vasculho de varrer consciências; saca-rolhas celeste.

**CONFISSÃO** — Lavatório das almas; contrato em que uma das partes despeja sobre a outra as sujidades íntimas, e lhe compra a bem-aventurança por meio tostão.

**CONSCIÊNCIA** — Importuna, a quem muitos voltam as costas.

**CONSIDERAÇÃO** — Singular cousa! Não se dá senão a quem a tem!

**CONSOLAÇÃO** — Cataplasma que se põe na dor alheia. Há muito quem se engane com as farinhas, e aplique a de mostarda em lugar da de linhaça.

**CONSULTA (MÉDICA)** — Três contra um! É impossível escapar.

**CONSUMIDOR** — Ovelha infeliz, a quem todos cardam, até quando ela não tem lã!

**CONTINUO** — I de secretaria.

**CONVALESCENÇA** — Lua de mel da saúde.

**COPISTA** — Espelho que felizmente não reflete.

**COPO** — Perdição de muita gente boa.

**CORAÇÃO** — Cavalos que quando nos leva por bom caminho nos faz apanhar coices dos outros; cabide de pendurar afetos.

**CORAL** — Planta que, depois de colhida, se rega com ouro.

**CORRUPTO** — Homem que se põe a par do goraz condenado na Ribeira Nova, mas que não tem o mesmo destino, infelizmente!

**CORTADOR** — Membro da sociedade de liquidação social, quando tira modestamente cem gramas em cada peso.

**CORTES** — Inferno dos ministros, que são ali atormentados pelos que pretendem ser grandes diabos como eles.

**COSTELA** — Mãe do gênero humano. Eu amo as de vitela, assadas na grelha; mas não me oponho a que o leitor ou a leitora prefira as de carneiro.

**COSTUMES** — Façam idéia! As elegantes que no último outono se refrescavam nas praias de Matosinhos, estabeleceram um prêmio *para o tiro aos pombos!* Era uma medalha: de ouro, tendo de um lado uma coroa de louro (!) e a seguinte inscrição: — *Prêmio das Senhoras.* — No reverso dizia: — *Tiro aos pombos no hipódromo de Matosinhos, outubro de 1877.* — Não se dizia se também elas atiravam, mas facilmente se calcula o que a sociedade tem a esperar dessas passadas, presentes ou futuras mães de família. Quando as

pombas se fazem milhares é porque já não podem ser nada melhor. Ai de vós, gaviões de *frak* e chapéu alto da sociedade protetora dos animais! Desta vez podeis gritar: “Aqui del-rei!” — As matronas do hipódromo são capazes de vos trucidar, e a nós todos também.

**COVARDIA** — Em outro tempo davam-se dois pontapés em quem a tinha; hoje, todos os covardes são valentes... comedores.

**COVEIRO** — O mais lúgubre dos semeadores. Nunca germina a semente que ele deita à terra; encarregado de esconder os segredos do boticário e as asneiras do médico.

**CRÂNIO** — Gaveta das idéias.

**CRENÇAS** — Ferros velhos, comidos da ferrugem e do tempo.

**CRIAÇÃO** — Galinhas... e tudo mais, incluindo as grandes obras dos gênios demolidores.

**CRIADO** — Pessoa a quem pagamos para que diga mal de nós; o mais próximo dos nossos inimigos; doença interna.

**CRIANÇA** — Flor da humanidade. É livrar que nela pouse inseto venenoso, porque lhe converterá o bom e franco riso da inocência em trejeitos ferozes de maldade e de hipocrisia; fósforo que há de produzir incêndios.

**CRIANCICE** — Ensaio para a maroteira.

**CRIMINOSO** — Membro de orquestra universal, que desafinou.

**CRITÉRIO** — Nome de um macaco do barão de Catania, que morreu há muitos anos.

**CRUZ** — Instrumento onde antigamente se penduravam os ladrões, e que hoje se pendura ao peito deles, para variar.

**CUMAÇO** — Segredo que convém não devassar, sob pena de tristes desapontamentos.

**CÚMPLICE** — Pessoa dedicada... ao crime.

**CURA (DE ENFERMIDADE)** — Não acusem os médicos, que estão inocentes. Foi sem eles quererem; **(DE ALMAS)** — Pastor. Alguns não desgostam de comer a sua ovelha; outros contentam-se em cardá-las; **(DE ENFERMIDADES)** — Acaso ou providência.

**CURANDEIRO** — Fadista da ciência.

Eu vos saúdo, oh jovens demolidores! E advirto-vos, em nome do senso comum, que os povos não se levam senão pelas crenças ou pela força. Vós apeastes Deus; os descrentes tornar-se-ão comunistas ferozes, e sereis obrigados a recorrer ao despotismo para os domar, no dia da liquidação social, que tão sem tino preparais. Dizeis-vos homens livres, e os vossos esforços levam infalivelmente à escravidão e à tirania! Que conta dareis ao porvir da herança de vossos pais? A geração a quem sucedeis, apesar dos seus grandes erros, e até dos seus crimes, tinha convicções profundas; plantou a liberdade na vossa terra, comprando com o seu sangue os direitos que vós gozais. Também ela foi revolucionaria e demolidora; mas, ao passo que demolia, reedificava três vezes mais. Vós, pelo contrário, derrubais tudo e não substituis coisa nenhuma. Se escarneceis de Deus, em que podereis acreditar? Nos vossos livros, onde mutuamente vos presenteais com a imortalidade? Pobres loucos! Pensai um pouco menos em vós e um pouco mais no futuro que aparelhais para vossos filhos. Sem religião não há moral, e a vossa literatura não produz uma nem outra. Os que vos acreditarem e seguirem recairão fatalmente no embrutecimento do materialismo e Num Cativeiro pior do que aquele de que nos livraram nossos pais. Debalde restabelecereis o Ente Supremo, como fez a França de Robespierre. As crenças não se decretam. A sociedade que as vossas obras educarem será mil vezes mais podre do que aquela que estais aluindo; e o que o mundo tem a esperar dela para os seus progressos são carneiros, bugalhos e estrume. Eu vos saúdo, mancebos esperançosos!



## D

**DAMA** — Mistério, desde que se usa pintar o cabelo.

**DANÇA** — Arte das pessoas de juízo se fingirem doidas; pão de Ló das jovens casadouras; invenção para fazer dar urros aos maridos ciosos.

**DECADÊNCIA** — Entrada no beatério. Oh! meu S. Luiz, rei de França, compadecei-vos deles, com um bom milagre... passado!

**DECÊNCIA** — Uso de certos viajantes, que calçam chinelos, nas carruagens dos caminhos de ferro, depois de terem descalçado as botas; não dormir de boca aberta... diante de gente.

**DÉCIMA** — Vesicatório político; a forma menos poética, e mais detestada pelos contribuintes; estrofe que arranha e franze as barrigas dos funcionários públicos.

**DEFEITO** — Esconda os seus, leitora amável e benévola. Não sonhe aquela pessoa que V. ex.<sup>a</sup> lhe prefere o seu jornal de modas... e os pés de porco. Depois de casada é outro cantar!

**DEGRAU** — O lombo popular.

**DEGREDO (TERRA DE)** — Tigela da casa, onde se despeja a lavadura dos tribunais.

**DELICADEZA** — Há grande falta no mercado.

**DELICADO (HOMEM)** — Leão que esconde a garra. É preferível ao que a mostra, com tanto que nunca mude.

**DEMISSÃO (PEDIDA)** — Remendo deitado no manto da dignidade; (DADA SEM SE PEDIR) — Buraco aberto na reputação.

**DENTADA** — Modo por que os cães imitam vários críticos.

**DENTE (POSTIÇO)** — Um intruso Numa reunião de família; (FURADO) — hóspede importuno.

**DENTISTA** — Homem que repõe o que tira.

**DEPUTADOS** — Deuses em perspectiva.

**DESAPROVAR** — Ofício das oposições.

**DESARMONIA** — É o estado atual dos espíritos, tanto na ordem moral e religiosa, como na política e na literária.

**DESAVERGONHADO** — Papel mata-borrão com muito uso.

**DESCARADO** — Fazenda a que o sol comeu a cor. Fica pior, tingindo-se... com a hipocrisia.

**DESDÉM** — Máscara que quase sempre se vê no rosto da inveja.

**DESEJAR** — Desejar o que pertence ao próximo é um mandamento da cartilha de certa gente. E parece que o próximo fica às vezes muito lisonjeado e agradecido, segundo a mesma lei novíssima.

**DESGOSTO** — Parece incrível como se suportam bem os que se causam aos outros!

**DESGRAÇA** — Pesa-amizade; espantinho de afugentar gente.

**DESINTERESSE** — Bonito bicho! De onde veio ele?...

**DESMAMAR** — Demitir de emprego rendoso.

**DESPOTISMO** — Freio na boca e espora na barriga. Ainda há muitos amadores. Que lhes preste!

**DESPREZO** — Legado que eu deixo aos meus inimigos.

**DESTREZA** — Meio de arranjar dinheiro... ou cadeia.

**DEVASSO** — Parafuso que estragou as roscas na porca da consciência.

**DEVER** — Não dizermos nunca tudo quanto pensamos. Quem mostra o coração, mostra o lombo. Não emprestarmos dinheiro aos amigos, para nos não arriscarmos a perdê-lo. Os amigos são raros; mas o dinheiro é mais raro ainda, e por isso antes perder aqueles do que este.

**DEVOTA** — Vivandeira da milícia divina, que faz serviço com os olhos no céu, e com o coração na sacristia.

**DIABO** — Espantinho que já não afugenta pássaros da figueira do pecado; nome que se gasta como canela.

**DICIONÁRIO** (DE JOÃO FERNANDES) — Raboleva nacional; (EM CINCO VOLUMES) — Palheiro incomensurável; (IDEM) — Rebanho de sandices; (IDEM) — Babel da língua portuguesa... e bunda; Besta de carga, sendo dos meus colegas; fonte de ciência, sendo feito por mim.

**DIGNIDADE** —... Conhecem? Coitadinha! Se sabem onde ela está, calem-se, para não assanhar ninguém; palavra em que o singular nem sempre se põe de acordo com o plural.

**DINHEIRO** — A prova mais evidente de que a união faz a força; ar de podridão, que corrompe tudo. Rival da graça divina, da culpa original e até de Deus. Por causa dele vêm ao mundo os maiores bens e os maiores males; e sem esse cachorro não há milagres possíveis! Por isso já quase ninguém hesita nos meios de o adquirir. O povo diz que quem furta pouco é ladrão, e que a quem furta muito o fazem barão. Lá se avenham. Silêncio, miseráveis! Sou eu que tenho a palavra.

**DIPLOMACIA** — Arte de dourar pílulas e de impingir gato por lebre.

**DIREITO** — Aquilo de que se faz torto... quando calha; um revolver puxado a tempo.

**DIREITOS (DE CONSUMO)** — Não torçam tanto a escaravelha, olhem que se quebra a corda!

**DISCÍPULO (DE ALGUÉM CÉLEBRE)** — Espelho que deforma a fisionomia.

**DISCRETO** — Pessoa que se finge sabia. Outros lhe chamam urso de sala; um defunto.

**DISCURSO (ACADÊMICO)** — Rio de flores... de papoula; **(POLÍTICO)** — Música de arraial.

**DITO (SATÍRICO)** — Pincelada de mostarda; **(GRACIOSO)** — Guloseima; **(INSULSO)** — Fósforo molhado.

**DÍVIDA (PÚBLICA)** — Dártro canceroso das nações. Come como todos os diabos!

**DÍVIDAS** — Doenças secretas.

**DIVIDENDO** — Acionista, lembra-te de que S. Tomé queria ver para crer!

**DOENTE** — Se morre são os médicos que o matam; sarando, é Deus que o cura. Pobres médicos! Felizes daqueles que... que escapam das más línguas... e das vossas mãos.

**DONZELA** — Ovo que se não pode chocalhar.

**DOR** — A palavra da enfermidade.

**DRAMA** — Dois galos Num poleiro.

**DRAMATURGO** — Domesticador de feras, que às vezes o devoram... com os pés.

**DUELO** — Raboleva dos tempos bárbaros posto nos costumes modernos; caso em que o insultado se reabilita e se vinga... fazendo-se matar por quem o insulta; farsa em dois atos; ridículo de que os homens sérios não prescindem; a mais estúpida expressão do amor próprio; quando não degenera em tragédia, o que é raro, farsa ridícula, representada quase sempre por atores de má morte, e, às vezes, de má vida.

**DÚVIDA** — O mais horrível dos parasitas do homem. Devora-lhe as crenças.

## E

**EBRIEDADE** — Nome fino da bebedeira.

**EÇA** — Corpo sem alma... e sem corpo.

**ECLÉTICO** — Diz-se dos sábios, quando não tem opinião sua.

**ECONOMIA** — Oh! almas caridosas, lembrai-vos do desgraçadinho que se chama Portugal, e mandai-lha por esmola.

**EDITOR** — Quem quer que tu sejas, se lá, onde se roubam impunemente as obras dos autores portugueses, te luzir o olho por esta minha, manda-me ao menos metade do que ganhares com ela. Se o não fizeres, tornarei o teu nome tão célebre, em outra edição, que acabarás por dar a tua popularidade a seiscentos milhões de diabos que te levem para as profundas. Amém.

**EDUCAÇÃO** — Parece impossível como a maioria dos meninos se esquece dela quando chega a converter-se em *homens grandes*!

**EFÊMERA** — A lembrança do favor ou benefício recebido. Quando se não apaga, acautelem-se com o beneficiado.

**ELEIÇÕES** — Feira das consciências.

**ELOGIO** — Alçapão por onde quase sempre caio elogiado.

**EMBATUCADO** — Noticiarista invejoso, diante da obra que tem de anunciar, se ela é boa.

**EMPENHO** — Escândalo que todos procuram mais ou menos.

**EMPLASTO** — Artigo novo em lei velha.

**EMPREGO** (RENDOSO) — Teta de vaca gorda; (PEQUENO) — Rolhinha que se mete na boca das crianças para não berrarem com fome.

**EMPRÉSTIMO** (GRATUITO) — Sedenho no cachaço da burra; (ONEROSO) — Estocada, que pode tornar-se mútua, pela insolvabilidade do devedor; (COM GRANDE USURA) — Cáustico tratado por arrancamento da pele. É mais doloroso às vezes para o curador do que para o curado.

**EMULAÇÃO** — Irmã gêmea da inveja.

**ENCADERNAÇÃO** — Sucede com as mulheres o mesmo que com os livros: às vezes são as que menos valem que tem mais ricos vestidos.

**ENGRAXADOR** — Pessoa que vai longe, quando se dedica às botas dos poderosos.

**ENSABOADELA** — Locução sem propriedade. Usa-se indistintamente para significar que alguém foi aos queixos de outrem, que o zurziu material ou moralmente.

**ENSINO** — A ordem volvida ao caos. Meus meninos, admirai e respeitai o vosso século, que para em tudo ser prodigioso até vos ensina o que não sabe!

**ENTUSIASMO** — Fogo de vistas. Perdeu-se o segredo de o fabricar.

**ENVENENADOR** — Vendedor de vinhos. Tendeiro e merceeiro são sinônimos.

**ENVENENAMENTO** — Simplificação.

**EOLO** — Sujeito que toca foles.

**EPIGRAMA** — Torquesada.

**ERUDITO** — Ente que ressuscita mortos.

**ESCADA** — Revolução. Quando não faz subir ao poder, pode levar ao patíbulo.

**ESCÂNDALO** — Ordem do dia.

**ESCOLA** — Introdução ao curso da tolice humana.

**ESCORIA** — Frutos podres da árvore social.

**ESCORPIÃO** — Velho libidinoso.

**ESCOVAR** — Bater *beefs* no lombo humano, com uma vara de marmeleiro.

**ESCRITOR (PÚBLICO)** — Senhor Deus, misericórdia! Todos o querem ser, exceto nas listas da contribuição industrial. Livrai-nos desta praga, fazendo com que eles paguem mais e escrevam menos.

**ESCRIVÃO** — Fugi, rapazes! Se ele vos apanha, come-vos vivos, apesar das vossas navalhas. (DE FAZENDA) — Oh, senhor, olhe que eu sempre fui seu amigo! Deixe-me passar pela malha por onde sempre se escapa certo Aquiles, o qual ganha só por si muito mais do que nós todos os que temos pago até agora, incluindo os verdadeiros Aquiles literários. Ou o inscreva a ele, ou nos tire a todos nós do inferno da matriz, salvo seja tal lugar!

**ESCRÚPULO** — Excesso de bagagem, que se deita fora para chegar mais depressa ao fim da viagem.

**ESMOLA** — Imposto sobre o coração.

**ESPANTALHO** — Velho menino.

**ESPECTRO** — Anistiado com saudades do desterro.

**ESPELHO** — Denunciante que raros desprezam.

**ESPERANÇA** — Doidice dos poetas, e das pessoas que tem tios no Brasil; flor do céu, que todos procuram inutilmente na terra.

**ESPIRITUALISTA** — Pessoa que prefere crer a ir verificar se a teoria é verdadeira.

**ESPONJA** — Devoto do deus Baco.

**ESQUECIMENTO** — Balda de poderosos, segundo afirmam os pequenos despeitados; desculpa dos que metem na sua algibeira o relógio alheio.

**ESTADISTA** — Médico, que acumula também os ofícios de boticário e de enfermeiro, e que não duvida dos seus remédios, nem mesmo quando vê morrer o doente;

**ESTERILIDADE** — Prêmio grande da loteria do matrimônio.

**ESTÔMAGO** — Máquina de fazer picardias, a si e aos outros.

**EUFONIA** — Som que produzem em nossos ouvidos as palavras que nos louvam.

**EXPLICAÇÕES (PARLAMENTARES)** — Papas de linhaça.

## F

**FACA** — Unha dos assassinos; picareta com que se abre o caminho da eternidade.

**FACADA** — Abertura do infinito.

**FACÍNORA** — Cantor que desafina.

**FADISTA** — Esfaqueador lírico.

**FADO** — Não digo que não, umas vezes por outras, e à porta fechada. É nacional e é bonito. Mas não abusem, porque já se rosna muito.

**FALADOR** — *Douche* de palavras.

**FALSIFICAÇÃO** — Mal empregado! Um trabalho tão perfeito, inutilizar-se por causa das opiniões de uns pífiros, que não eram capazes de o fazer melhor!

**FALSIFICADOR** — Artista incompreendido pelos tribunais.

**FAMA** — O chocalho dos imortais.

**FANÁTICO** — Carneiro que marra.

**FANATISMO** — O pai da intolerância.

**FANFARRÃO** — O mano patarata, que engole adversários com pistolas e tudo.

**FAROL** — Amigo que nos adverte; olho das praias.

**FASTIO** — Repugnância que tem os difamadores de engolir as injurias vomitadas. Abre-se-lhes o apetite com uma cana da Índia.

**FATO** — Encadernação que vale às vezes mais do que o livro.

**FAVOR** — Roldana por onde se içam os amigos para a mesa do orçamento; sendo pequeno, cousa que não se agradece; grande, tolice que se amarga cedo ou tarde.

**FEALDADE** — Urro das feições; defeito que alegra a mulher quando o vê nas suas amigas.

**FELICIDADE** — É não ter amigos que nos peçam dinheiro, nem família que nos dê exemplos de antropofagia, comendo-nos vivos.

**FENÔMENO** — Há de mostrar-se no dia em que um amigo me der cinquenta contos de réis.



**FÉRIAS** (PARLAMENTARES) — Intervalo e sessão ministerial; (ESCOLARES) — Sonho de estudante; (DE TRIBUNAIS) — Reforma de letra para os que esperam sentença contra.

**FIDUCIÁRIO** (CRÉDITO) — Saturno que muitas vezes devora os próprios filhos; Sol que quando faz eclipse total deixa muita gente a pedir chuva.

**FIGO** (PASSADO) — Coração que já não pode amar.

**FILANTROPO** — Aquele que não te desanca nem te rouba.

**FILHOS** — A lepra das famílias. Anda que se cocem não deixam de comer.

**FILOSOFIA** — Ciência de confundir tudo; arte de não crer em cousa nenhuma.

**FINANÇAS** — Galicismo que atrapalha muito ministro.

**FITA** — Antigamente, enfeite de mulheres; agora é mais usada pelos homens.

**FLAGELO** — Autor que nos lê as suas obras, antes de as imprimir.

**FLATO** — Segundo o *Dicionário de sinónimos portugueses*, de José da Fonseca, é ventosidade.

**FLOR** — O balbuciar da planta.

**FLUTUANTE** (DÍVIDA) — *Phylloxera vastatrix* da nação portuguesa.

**FOGÃO** — O canibal das árvores.

**FOGUEIRA** — Resplendor da inquisição, onde deviam ser purificados todos os que afirmam que aquela senhora não foi tão má como a pintam.

**FORÇA** — Última palavra da ciência do arrocho. Infelizmente, os que ela ensinava não aprendiam nada.

**FORMOSURA** — Chave de muitos enigmas.

**FORTUNA** — Criatura sem coração, que só se dá por capricho; uma bêbeda, que não faz senão asneiras.

**FOTOGRAFIA** — Calamidade que propaga as caras feias.

**FRALDIQUEIRO** — Homem mulherengo.

**FRANCESA** (LÍNGUA) — O português de muitos literatinhos nossos.

**FRANQUEZA** — Virtude dos antropófagos.

**FRAUDE** — Brincadeira de mau gosto.

**FRUTO** — Poema da árvore.

**FUMAR** — Minhas senhoras: No tempo em que estúpidas modas, inventadas em França por mulheres de má nota, não tinham estragado as cabeças a vv. ex.<sup>as</sup>, era permitido aos poetas consagrarem versos e louvar a beleza dos seus cabelos. Depois, as trouxas monstruosas, os *chignons*, as *cuias*, os *crescentes*, e outros cumachões ridículos, e absurdos trouxeram-lhes a calvície precoce. Hoje não se pode aludir aos penteados sem que vv. ex.<sup>as</sup> fiquem em dúvida se se lhes dirige um cumprimento ou um epigrama. Restavam-lhes ainda, contudo, os dentes alvos e as bocas perfumadas para nos não afugentarem inteiramente. — A alimentação de gêneros falsificados e o mercúrio da medicina, trabalhavam, porém, incessantemente para lhes enegrecer o marfim e corromper o hálito; mas a ação desses venenos era lenta... De repente, vv. ex.<sup>as</sup>, que já se haviam apropriado do instrumento dos fadistas, a guitarra, lançam-se também na atmosfera de tarimba do mau charuto e da cigarrilha de papel! Isto é: adotam o vício repugnante do tabaco, impregnam os seus vestidos no cheiro nauseante dessa droga venenosa, e entregam ao fumo, para que lh'os enegreça inteiramente, os restos dos dentes que a careia e os preparados mercuriais iam roendo de má vontade! Isto é uma resolução desastrosa, infelicíssima, louca. Abstraindo do péssimo efeito que produz Num público que não foi educado no Brasil, ou na Havana, o espetáculo da degradação de vv. ex.<sup>as</sup>, suplico-lhes que considerem o caso simplesmente pelo lado artístico. A mulher era ainda há poucos anos o ideal do homem. Convínhamos todos em chamar-lhe fada, ninfa, anjo, etc., tanto em má prosa como em pior verso. Imaginem, porém, se há possibilidade de sustentar esse ideal, vendo-o, e *sentindo-o*, com os dentes negros, os cabelos postiços, e rescendendo a cheiro de lugares suspeitos! Além disso, tangendo e amando o fado como as infelizes que não tem mais consolações, nem dinheiro. — Em outro tempo, o homem que fumava não se atrevia a entrar nos aposentos de uma senhora, sem ter esfregado os dentes e lavado o bigode com essências de cheiro delicado e imperceptível; mudava cuidadosamente o fato, para que o odor do tabaco o não denunciase como pessoa de instintos e vícios grosseiros. Hoje, serão vv. ex.<sup>as</sup> que necessitem de tomar essas precauções, antes de aparecerem aos homens, para que estes as não julguem amantes de fadistas! Convenho que estão no pleno direito que lhes dá uma sociedade apodrecida, que já não tem que perder; mas pela minha parte, e até com risco de desagradar a vv. ex.<sup>as</sup>, declaro-lhes que prefiro a companhia de um cabo de esquadra bêbado à de uma mulher que fuma. Depois desta confissão ingênua, sei que vv. ex.<sup>as</sup> me não mostrarão mais, através do sorriso amável, as suas pérolas... pretas. Prefiro, contudo, o ódio de vv. ex.<sup>as</sup> à torpeza de lhes mentir, louvando-as por andarem de charuto na boca, em vez de trazerem ao peito o filho que entregam à ama mercenária. Quando uma mulher troca o amor conjugal ou maternal por uma caixa de *habanos*, a

sociedade não tem a esperar dela senão cinza de mau tabaco. — É esse, efetivamente, o produto de que estão sendo construídos os homens do futuro. Que lhes preste!

**FUNDOS** (PÚBLICOS) — Uma bexiga que se pode romper e deixar-nos afogar, se nos metermos a nadar com ela muito ao largo, no mar da especulação. (Desculpem o estilo pindarico.); (ESPAÑHÓIS) — Última invenção dos salteadores civilizados; — (TURCOS) — Disciplinas com que se penitencia Sua Santidade Pio IX ao fazer votos pela vitória dos infiéis, com o fim de salvar o dinheiro que piedosamente empregou nos papéis deles.

**FÚNEBRE** — Proposta de lei, impondo décima aos empregados.

**FURIOSO** — Escritor apanhado em roubo literário.

**FUSÃO** — Arte de derreter opiniões políticas.

**FUTURO** — Sinônimo de morte, por isso ninguém quer fixar nele o pensamento.

## G

**GALEGO** — Segundo certos autores, o galego deve ser incluído na classe dos animais nocivos, e como tal pode ser destruído. É uma opinião abominável; máquina de fazer imundície e brutalidade, segundo outros; pseudônimo de bruto, acrescentam terceiros; homem de ganhar. A pior espécie não é a que importamos de Galiza, nem a que faz fretes; é a que se aluga em quanto pobre e que dá coices depois de rica. Entre nós abunda esse produto das sociedades corrompidas e mal educadas. Aos que nos vêm de Espanha caracteriza-os o seguinte fato: Indo uma vez o general Leone de Monção para o Porto, encontrou um galeguito, de dez ou doze anos, que seguia a mesma direção. Tendo saído dois dias antes de Tui, o rapaz perdera-se no caminho, ia estafado, com os pés feridos e chorando. Compadeceu-se dele o general, e, depois de o interrogar e saber que vinha para o Porto ganhar a vida, ordenou generosamente que o montassem Numa das cavalgadas que vinha com as suas bagagens. O jovem ganhador, a quem o pai dera, provavelmente, como única lição o conselho de não fazer nada sem que lhe pagassem, pôs a mão na anca do cavalo salvador, e, voltando-se para o general, perguntou-lhe: — *Canto me dá bossê?*

**GALHOFA** — Dezesesseis anos e dezesesseis contos de renda.

**GALO** — Pimpão de feira.

**GARRAFA** — A mais sublime prova da transmigração das almas: recebe espíritos de todas as qualidades; prisão de muitas asneiras, quando está cheia daquele precioso sumo que alegra os tristes e dá valor aos covardes.

**GASÔMETRO** — Sujeito de aparência sombria e triste, apesar de ter gás; o tendeiro dos candeeiros; o coração mais inflamável que se conhece; animal de sangue negro, que a luz irrita e faz estourar de raiva.

**GATO** — Perguntem aos alfaiates se sabem o que é; facínora de jardins.

**GATO-PINGADO** — A parte burlesca do que há de mais triste.

**GENEALOGIA** — Arte de bazofiar, invocando o apoio dos defuntos.

**GENERAL** — Sumo sacerdote da morte.

**GENEROSIDADE** — Planta rara; cada vez escasseiam mais os terrenos em que ela medra; senhora desaparecida, lhe chamam outros. Os seus sinais esqueceram, e por isso não se podem dar à polícia para que a procure.

**GIRASSOL** — Deputado de todos os governos quando lhe dão luz que o aqueça.

**GORDO** — Perigo para o magro que viajar com ele de carruagem, no caso em que esta se volte.

**GORDURA** — Eloquência do estômago, e sobretudo dos ossos.

**GRALHA** — Orador sem convicções.

**GRAMÁTICA** — Inutilidade que atrapalha e embaraça vários sábios de meia tigela.

**GRAVATA** — Meio de afugentar selvagens.

**GRAVIDADE** — Velha que promove o riso dos que não a possuem

**GRÊMIO** — Elemento de inimizades; (LITERÁRIO) — Escola de bilhar e de tiro.

**GRIPE** — Lirismo do nariz.

**GUARDA** — Mola de segurança, de que é útil desconfiar sempre.

**GUERRA** — Arte de ter razão, matando, e de impedir os excessos de população que fariam encarecer as subsistências; a única rival seria da medicina.

**GUIA** — Cabresto útil; cão de cego. Quem se fia nele, esquece-se de que foram outros que o ensinaram.

**GUITARRA** — Chamariz de amor... e de facadas; corda sensível de muita gente boa; é a sardinha dos instrumentos musicos. Não há paladar aristocrático que a desdenhe umas vezes por outras.

## H

**HARMONIA** — Qualidade rara nos poetas, nas orquestras, nos partidos políticos e entre casados.

**HERANÇA** — Diz o provérbio, que antes deixar a maus do que pedir a bons. Eu prefiro herdar de todos. Oh! tu, rico amável, que me estás lendo, reflete que nada há como fazer testamento a pessoas que nunca nos desejaram a morte... E lembra-te de mim. Os teus herdeiros talvez te contem os dias como quem os corta à tesoura, com febril impaciência. E logo que se apossarem do teu dinheiro nunca mais pensarão em ti, senão para te acusarem de não lhes teres deixado bastante. Eu, pelo contrário, aceitarei com reconhecimento os teus cinquenta, ou mesmo cem contos, sem te maldizer se deixares mais a outros. — Maná do céu. — Colher sem ter semeado. — Único fruto que se apanha sem crime na árvore alheia.

**HERDEIRA (RICA)** — Eu quero, tu queres, ele quer. Nós queremos, vós quereis, eles querem, etc., até apanhar.

**HERDEIRO** — Apanhador de caça que outrem matou; pessoa que precisa ter grande Império sobre si, para não perguntar ao testador se tenciona demorar-se muito.

**HIPOCRISIA** — Paródia da virtude; produz sempre mais efeito do que a parodiada.

**HIPÓCRITA** — Réptil venenoso.

**HISTÓRIA** — Manjedoura onde os escritores parciais põem alguns brutos a comer glória; o romance das nações.

**HOMEM** — Projeto de tigre.

**HOMEOPATIA** — A imaginação aplicada à ciência... de beber água aos golinhos.

**HONRA** — Gênero que se vende... mas já não há quem compre.

**HONRAS (CONSERVADAS AO MINISTRO DEMITIDO)** — Maneira de adoçar a pílula.

**HUMANIDADE** — Velha pretensiosa que estuda sempre e nunca aprende.

**HUMILDADE** — O saca-rolhas do orgulho.

**HUMILDE** — Tigre que se encolhe para armar o salto.

**HUMILHAÇÃO** — Esporada na alma.

## I

**IDADE** — Único segredo que as mulheres sabem guardar, segundo asseveram os maldizentes.

**IDEALISMO** — Religião dos que chegam com a cabeça à lua.

**IDÉIA** — Fonte subterrânea; quando rebenta vem quase sempre turva.

**IDÉIA-NOVA** — Demolir sem reedificar.

**IDÍLIO** — Tisana que produz dispepsias no gosto. Exemplo: os versos do poeta V. que já não tem sabor possível.

**IDIOTA** — Pessoa que tem boa fé em política.

**IDOLATRIA** — A religião das maiorias parlamentares, quando o ídolo é de ouro, como diz a oposição.

**IGNOMÍNIA** — Sujidade na alma.

**ILUSÃO** — Vaca de muitas mil tetas, onde todos mamam sem dar por isso.

**ILUSTRAÇÃO** — Verniz que por vezes estraga os trastes que o tem.

**IMAGINAÇÃO** — Uma bêbeda que nos faz amargar quase sempre o tempo que empregamos a segui-la.

**IMPORTUNO** — A carraça da humanidade; sinapismo da paciência.

**IMPOSTO** — Drástico violento.

**IMPOSTURA** — A tabuleta da moda.

**IMPRUDÊNCIA** — Os três últimos copos ou decilitros. Se não fossem eles, nunca se saberia se o senhor F. é dado a casos tristes.

**IMPUDÊNCIA** — Meio muito em voga, desde que se reconheceu a inutilidade da vergonha.

**INCÊNDIO** — Um inovador atroz.

**INCONSTÂNCIA** — Borboleta do amor e da política.

**INDEPENDENTES** — Vampiros da pior espécie, quando sabem fingir bem que não amam o sangue... de burra.

**INDIFERENTISMO** — Caruncho que está comendo o tutano da dignidade nacional dos portugueses.

**INDIGESTÃO** — Barômetro do estômago; ao inverso dos outros, é quando este sobe que promete tempestade.

**INDIGNO** — Apanhador frequente do que devia dar-se aos dignos.

**INDIRETO (IMPOSTO)** — Um caluniado. Vai direito às algibeiras dos governos e chamam-lhe indireto!

**INDULGÊNCIA** — Arte de fazer desculpar as próprias faltas.

**INDULGÊNCIAS** — Letras de cambio sacadas contra o céu. São de cobrança duvidosa, por falta do aceito.

**INFALIBILIDADE** — Qualidade que não impede de enganar os outros.

**INFANTICÍDIO** — Coice de burra adormecida.

**INFERNO** — Visualidade em narrativa; a terra dos álbuns, para quem for poeta.

**INFINITO** — O mais antigo dos logogrifos; livro sem fim, onde o homem treslê.

**INGRATIDÃO** — Arte de saldar contas sem as pagar.

**INIMIGO** — Amigo assanhado.

**INOCÊNCIA** — Avezinha que a malícia afugenta.

**INOFENSIVO** — Abstrato; ou defunto, antes de entrar em decomposição.

**INSCRIÇÃO (DE DÍVIDA PÚBLICA)** — Diacho de palavra, que tem mais valor escrita em papel do que em mármore ou bronze.

**INSÍPIDO** — Folhetim do senhor V.

**INSOLÊNCIA** — Zurro humano.

**INSOLENTE** — Pessoa que pede murros.

**INTELIGÊNCIA** — Luz que Deus acende quase sempre no cérebro dos menos felizes.

**INTIMO** — Cautela com ele! Sabe o nosso lado fraco, e os nossos segredos.

**INTRIGANTE** — Cozinheiro que salga e apimenta de mais os molhos.



**INTRUJÃO** — Palavra nova posta a uma qualidade velha; explorador da tolice humana.

**INVEJA** — Não bulam com a bicha, que morde e é venenosa; ferrugem de certos trastes; barata que rói uma sombra; raiva dos infinitamente pequenos.

**INVEJOSO** — Figo passado da humanidade; lombriga do talento.

**INVERNO** — Porta do sepulcro à vista.

**IODURETO (DE POTÁSSIO)** — Pagamento de letra vencida.

**IRA** — Mãe da apoplexia.

**IRONIA** — Confeito... de amêndoa amarga; fel da bexiga da inveja.

**ISCA** — Duzentos contos de dote. Eu dou cinquenta a quem me arranjar o resto.

## J

**JANOTA** — Na opinião de um caricaturista célebre, quer dizer: pessoa sem vintém... e sem exame de instrução primaria.

**JAULA** — Corpo humano, onde rugem encarceradas as feras intestinais.

**JESUÍTAS** — Colegas de Judas, que também era da companhia de Jesus.

**JOGO** — Cano de despejo da razão e da fortuna; pedra de toque da educação; pedra atirada para o ar. Cuidado com as cabeças!

**JORNAL** — Cabide de pendurar opiniões; (DE NOTÍCIAS) — Feira da Ladra literária.

**JORNALISTA (SÉRIO)** — Missionário que prega no deserto. (VENAL) — Ovelha ranhosa do rebanho; (LEVIANO) — Semeador de imoralidades; (INCONSCIENTE) — Um fossador; (APAIXONADO) — Cego de entendimento; (ECLÉTICO) — Penélope de calças.

**JUDAS** — Oficial do teu ofício; sobretudo se te dever favores.

**JUDEU** — Homem que não empresta dinheiro, e vendedor que não fia *cognac*. (Teoria dos *Marialvas*.)

**JUDICIOSO** — Ouço gritos na rua a pedir socorro! Ó Posidônio vai acudir. — Estás brincando?! Para me constipar ou ser esfaqueado por engano... Conchega-me aí a roupa às costas, e deixa-me dormir descansado.

**JUIZ** — *Abrenuntio!* Caros pastores do Bairro Alto, que tocais flauta de ponta e mola, não confieis no seu ar benévolo. Aquele sorriso quer dizer que s. ex.<sup>a</sup> hesita se deverá mandar-vos para o inferno da Penitenciária, até que enlouqueçais, ou para o *ameno* clima de Moçambique, onde dareis um estouro com a carneirada. O único meio de evitar esses dois perigos, é abdicar a navalha, oh amigos de barrigas alheias! — Corvo que já não traz queijo no bico, desde que foi logrado pela raposa.

**JUÍZO** — Não se sabe o que seja.

**JÚPITER** — Empresário de teatro.

**JURAMENTO (POLÍTICO)** — Espantalho que se põe na figueira, para que os pássaros não vão aos figos.

**JURAR** — Modo de mentir com solenidade.

**JURISTA** — Oh! leitor amigo, se tu o és, empresta-me cinquenta inscrições, dadas, para eu o ser também.

**JUSTIÇA** — Um mito para os pobres, segundo dizem as más línguas; e modo dos ricos fazerem do torto direito, como asseveram as mesmas. Não acreditem uns nem outros, porque em tudo se mente muito.

**JUSTIFICAR** — Que diabo entenderam eles por justificação?! O meu advogado, que sabe de mim muito mais do que eu, provou que sou homem de bem, e mandam-me para a Costa d'África! Para a outra vez hei de pedir que ninguém me justifique.

**JUVENTUDE** — Prisma de cores brilhantes.

## K

**KALIUM** ou **POTASSIUM** — Bebe-o com salsa-parrilha, desgraçado! Talvez assim te doam menos os espinhos das rosas colhidas.

**KALMIA** — Arbusto, em cuja flor as abelhas colhem mel venenoso. É a *Traviata* das plantas. Só as cabras e os veados a comem impunemente.

**KANTISMO** — Sistema de filosofia de Kant, ou arte de mostrar aos crentes um cabelo de Nossa Senhora, tão delgado, que nem mesmo quem o mostra o viu nunca!

**KERATINA** — Matéria prima do chavelho. Também os há sem ela.

**KERMES** — Um filho do antimônio vermelho, que rebenta gente como a pólvora rebenta bombas de foguetes. Se lhe carregou a mão é para lhe retribuir o que ele me tem feito.

**KIRIE-ELEISON** — Senhor, tende piedade de nós, que estamos sendo comidos em vida pelos traficantes de gêneros alimentícios, e pela administração que os tolera e a polícia que os protege!

**KNOUT** — Moda russa, que conviria introduzir nos nossos costumes, para lhes dar cor local.

## L

**LABÉU** — Doença que róí muitas excelências.

**LÁBIA** — Ciência de pescar incautos.

**LACAIO** — Imitador servil de certos amos.

**LACONISMO** — Um soco, em resposta a uma insolência.

**LADRÃO** — Amador de curiosidades alheias; artista modesto e discreto, que encobre as inclinações; (EM PONTO GRANDE) — Predestinado à consideração dos governos.

**LADRAR** — Dizer mal de alguém, por inveja. Zurrar é sinônimo.

**LÁGRIMAS** — Última razão da mulher; secreção da glândula do olho, que muitas pessoas abrem, como torneira, a propósito de tudo; há quem seque as da mulher com as da ostra.

**LANGUIDEZ** — Estado da bolsa do empregado público passado o dia 15 de cada mês.

**LARAPIO** — Homem que busca aventuras; sinônimo de cavalheiro... de indústria.

**LAVAR-SE** — Ruim manha, na opinião de muita gente.

**LEILÃO** — Quem dá mais pela minha beleza?!  
(*Uma mulher moça.*)

— Quem compra o meu voto?!  
(*Um eleitor.*)

— Quem quer a minha honra?!  
(*Um sujeito que deseja enriquecer depressa.*)

— Quem quer pretos, e brancos, e moeda falsa?!  
(*Aspirante a barão.*)

— Quem compra empregos e honras?!  
(*Pessoa influente.*)

— Quem quer enriquecer sem trabalhar?!  
(*Um cauteleiro.*)

— Quem quer moralidade, progresso e economias?!  
(*Aspirantes a ministros.*)

**Nota.** — O povo, não sabendo para que lado se há de voltar, nem tendo dinheiro para tais mercadorias, grita por sua vez:

— Quem quer o diabo que os leve a todos?!  
E o leilão continua.

**LEITE** — Líquido suspeito, que se vende publicamente em Lisboa.

**LEITURA, DE PEÇA (OUVIR)** — Pesadelo, depois de se ter ceado carneiro com batatas.

**LEMBRANÇA** — A mais duradoura é a que nos recorda as beliscaduras feitas ao nosso amor próprio.

**LIBERALISMO** — O pesadelo de Roma e dos que gostam do arrocho.

**LIBERDADE** — Um horror, segundo a opinião dos jornais que mais usam e abusam dela; faculdade que cada um tem de fazer com que o metam na cadeia.

**LICEU** — Acumulação de absurdos. Pobres rapazes! Por que insólitos meios fazem de vós os homens do futuro! E queixam-se depois se algumas vezes desatinais nas academias e nos parlamentos!... Quando chegais a ser deputados, pares, ministros, sábios de qualquer tamanho, lembrais-vos naturalmente do liceu, onde a ignorância e a maldade, o pedantismo e a presunção estúpida vos atrofiaram a inteligência e perverteram o senso moral, e dais-lhe para baixo com as vossas reformas, que os põem cada vez pior! Mancebos de hoje, tomai o conselho de um amigo prudente, que ama do fundo d'alma a mocidade com todas as suas loucuras e tolices: Quando chegardes um dia a fazer leis, não copieis dos estrangeiros as reformas para a instrução de vossos filhos. Deitai abaixo o liceu, e restabelecei o antigo curso de humanidades, que nos deu os grandes homens que sabiam bem das suas especialidades, em vez dos que hoje fazemos, obrigando-os a aprender tudo para ficarem sem saber nada. Zacharias, toca o bumbo! As tiradas graves afugentam o público. Deixa brilhar os liceus, e a rapaziada que os reforma.

**LIGA** — Junção de metais, formando um todo impuro.

**LIMOEIRO (CADEIA)** — Árvore de má sombra. Os que a apanham são quase todos obrigados a mudar de ares, e raros se restabelecem.

**LIMPEZA** — Há mais nas ruas do que nas mãos.

**LÍNGUA** — A arma de maior alcance; instrumento sem cordas, que muitas vezes faz encordoar; (CLÁSSICA) — É a guisada; (CORRUPTA) — Quando se chama de vaca, sendo de boi. Outros dizem ser sinônimo *idioma de vaca*.

**LINGUADO** — Discurso chato.

**LISBOA** — Vasto cemitério de podridão e lentejoulas, como chamou ao reinado de el-rei D. Manuel o senhor A. Herculano; cousa imunda e pestífera; tapem os narizes e fujam!

**LITERATO (DE BOTEQUIM)** — Sujeito sem vintém, sem instrução e sem ofício.

**LIVRARIA** — Único lugar em que é permitido confundirem-se os mortos com os vivos; exércitos de mudos, que exprimem idéias de todos os diabos; instrumento, cujas cordas vibram no coração de todos os séculos; a Babel das idéias; gasômetro do espírito.

**LIVRO** — Soporífero dos parvos.

**LOBISOMEM** — Cantor que vai perdendo a voz.

**LOBO** — Parlapatão imprudente, que imagina poder tratar com o homem de mano a mano.

**LORPA** — Homem em projeto.

**LOTADOR (DE VINHO)** — Envenenador que faz concorrência ao médico.

**LOUREIRO** — Emblema de glória, com que se coroavam antigamente os poetas. Hoje é emblema de escabeche.

**LUA** — Confidente discreta. Mas nem a ela digas que és pobre, se não queres que até os cães te evitem, com medo de que tu os mordas a eles.

**LÚGUBRE** — Homem que pede dinheiro emprestado; orçamento do estado.

**LUNÁTICO** — O que acredita nos outros e duvida de si.

**LUPANAR** — Casa onde os filhos famílias recebem a última demão de moral.

**LUVA** — A mais alta expressão social. Às vezes é mais limpa do que a mão que a calça.

**LUXO** — Cancro da sociedade e da família; perdição de muitas mulheres; sanguessuga de todos os maridos.

**LUZEIRO** — Qualquer jornal pífió, no conceito dos que o escrevem.

## M

**MÁ** — Para mim, é toda a ocasião em que me pedem dinheiro.

**MACACO** — O nosso parente mais chegado. Copiamo-lo em tudo, exceto em andarmos também com as mãos no chão. Será para lhe fazermos supor que não somos da sua espécie? Por sua parte, anda ele muitas vezes só com os pés, para nos mostrar que não lhe somos superiores, e que podia imitar-nos, se quisesse, mas que é quadrúmano por comodidade. Seria de grande interesse para a ciência nomear-se uma comissão acadêmico-política, para dar parecer sobre se convirá mais que nós ponhamos as mãos no chão, ou que os macacos levantem as suas.

**MAÇADOR** — Moinho de moer gente.

**MACARRONEO** — Estilo de alguns contemporâneos célebres.

**MÁCULA** — Pingo de azeite no pano da reputação.

**MADRASTA** — Livro mal traduzido; paródia da mãe.

**MÃE** — Fonte de água pura, onde às vezes se criam sapos e sanguessugas; (QUE ENJEITA OS FILHOS) — Pataco falso.

**MAIORIA** — Rebanho que, em lhe cheirando a defunto, rói a corda do redil; Babilônia de crimes, segundo a minoria.

**MALANDRO** — Besta manhosa.

**MALCRIADO** — Bruto que nunca aprendeu a ser homem.

**MALDADE** — Ciência que mais se aprende, cursando a escola do mundo.

**MALDIZENTE** — O gracioso moderno; cloaca mal fechada.

**MALEDICÊNCIA** — Prazer dos deuses em férias.

**MALFEITOR** — Comparsa incumbido de legalizar a existência da polícia.

**MÁ-LINGUA** — Escova de arame, com que se alisa a pele dos ausentes.

**MANCHA** — Verruga da probidade.

**MANDRIÃO** — Um larapio como qualquer outro.

**MANEQUIM** — Boneco político. Serve para modelo de pintar situações.

**MARCA (DE FAZENDA)** — Sinal falso, na maioria dos casos.



**MARÉ** — Ocasão que devemos aproveitar, arranjando os nossos negócios, ou desarranjando... os dos outros.

**MARIOLA** — Homem carregado de cousas feias.

**MAROMBA** — Distintivo das maiorias parlamentares, no dizer dos que lhes são adversos.

**MASCARADO** — Bacalhau sem sal; desamparado de Deus, porque lhe falta a graça; esplendor da sensaboria.

**MATERIAL** — Homem que trabalha mais de queixo do que de cabeça. Para navegar precisa leme... à proa.

**MEDICINA** — Monte pio do coveiro. Socorre-o com defuntos.

**MÉDICO** — Oh, céus! Como hei de eu ter ânimo de os beliscar, lembrando-me de quanto eles me tem feito?! há trinta anos que lhes caí nas unhas, e ainda estou vivo! Parece incrível, porque tenho tido muitos. Mas a verdade é que apenas me tiraram a pele e me estragaram o sangue e os ossos!

**MEETING** — Vocábulo inglês, que, traduzido para português, quer dizer farsa; rede com que se pescam empregos.

**MEETINGUEIRO** — Cão que ladra à lua, e que se faz calar com pão ou com pau.

**MEIOS** — A escola mais perfeita acha todos bons, quando ajudam a viver.

**MELODIA** — O tinir do ouro com que nos pagam uma dívida julgada perdida. É como se ouvíssemos a alma de Belini cantar-nos a *Norma*.

**MENTIRA** — Nossa Senhora da Atualidade.

**MERCÚRIO** — Filho dileto da medicina; idéia mãe das doenças de pele; criador de padecimentos que fazem danar os médicos... que os tem.

**MÉRITO** — Qualidade de que quase sempre dizem mal os que não a tem.

**METAMORFOSE** — Evolução política, por meio da qual uma borboleta se torna em lagarta que rói todos os ministérios.

**MÉTODOS** — Espécie de muletas, que seus autores gabam muito, apesar de caírem frequentemente com elas, e acabarem de quebrar as pernas.

**METRALHADORAS** — Última palavra, até agora, do direito moderno.

**MEZINHA** — A consolação dada ao ministro que perdeu o poder, com as palavras do chavão — “Serviu muito a meu contento” — e com a conservação das honras.

**MILAGRE** — Viver de empregados públicos, com ordenados de 600\$000 réis para baixo; água de Lourdes.

**MINEIRO** — Homem com vocação de minhoca.

**MINHOCA** — Sugador modesto.

**MINISTÉRIO** — Capitólio, Rocha Tarpeia, Calvário, Pelourinho, Olimpo, ou simples tribuna. É conforme a qualidade dos, que o compõem; zodíaco constitucional.

**MINISTRO** — Júpiter em exercício; homem que muda de amigos; artista que despreza o público que mais o aplaude.

**MINORIA** — *Vox clamantis in deserto*; a virtude oprimida e a ciência menosprezada, na opinião dos que a compõem.

**MISERICÓRDIA** — Virtude sublime de mais para homens políticos. Não há exemplo de a terem tido com os adversários.

**MISSÃO (RELIGIOSA)** — Loteria em que se jogava a pele contra almas de sujeitos que adoravam a carne dos missionários.

**MISTÉRIO** — *Cherchez la feme*.

**MISTÉRIOS** — Cabelos muito pretos e dentes muito brancos. Convém desconfiar de tudo, passados os trinta anos. As ilusões deixaram de ser exclusivo da mocidade.

**MOCHO** — Apagador parlamentar.

**MODA** — Única paixão séria da mulher.

**MODÉSTIA** — Qualidade distinta, que, em geral, só se vê nos que não tem motivo de a manifestar; qualidade negativa para se triunfar.

**MODESTO** — O mais temível dos orgulhosos, no conceito dos que o não imitam.

**MODISTA** — A pitonisa moderna.

**MOEDA** — Sangue dos estados.

**MOEDEIRO (FALSO)** — Viajante que se esqueceu do provérbio “Nunca deixes caminho por atalho”, e é por isso punido pelos jurados, naturais zeladores de

prolóquios; perito que duvida de si, e faz experiências para ver se o trabalho da casa da moeda é igual ao seu; pessoa que explora o meio de chegar depressa... à Costa de África; algebrista que resolve o problema de fazer cinco mil réis com dois mil e quinhentos; curioso que procura a grilheta com o buril.

**MONOPÓLIO** — Menino bonito que todos os governos respeitam, mais ou menos.

**MONUMENTO** — Um aleijão.

**MORATÓRIA** — Anemia comercial.

**MORDACIDADE** — Zurrapa literária.

**MORIBUNDO** — Luz que bruxuleia com o vento do outro mundo.

**MORTE** — Uma caricatura; fim da representação.

**MULHER** — Quando ama, sereia; quando tem ciúmes, gata assanhada; quando cessa de amar, vinagreira; instrumento impossível de afinar.

**MULHERENGO (HOMEM)** — Cão fraldiqueiro.

**MUNICIPAL (SOLDADO)** — Aquiles dos Briseis de Lisboa. Polícia e moraliza a cidade por meio das criadas.

**MUNIFICÊNCIA** — Patacoada de certos soberanos, que davam terras... a quem as conquistava aos infiéis.

Queridos e piérios amigos, nêrias de casaca, esfoladores amáveis, permiti que eu, por minha vez, derrame sobre os vossos couros este pingó de vinagre produzido no meu espírito pelas paneladas horrendas com que estourais os pobres diabos da minha espécie. E adeus, até ao primeiro cáustico.

## N

**NABABO** — É a posição que mais me sorri, com dez mil elefantes, carregados de ouro. Se eu a apanhasse, veriam o que era ter graça para fazer dicionários!

**NAÇÃO** — Não se conhece nenhuma tão feliz como a nossa. Acorda um momento para se gabar da sua história gloriosa, e logo torna a adormecer! Deus te abençoe, mãe de heróis... passados!

**NACAR** — Oh, menina, se ao menos eu tivesse as pérolas! deitava as conchas fora.

**NACIONALIZAR** — Em linguagem de vários literatos, é abastardar peças francesas com português mascavado.

**NADAR** — É bom saber, mas convém mais não precisar disso. Por mim, preferia nadar em dinheiro. E tu, leitor?

**NAIADES** — Em Lisboa são fingidas por aguadeiros.

**NAMORADA** (RICA) — Prodígio de beleza, ainda que seja feia como o grande diabo; (POBRE) — Carapau, do que se dá aos gatos.

**NAMORADEIRA** — Espécie de mosca. Tanto pousa na flor como no estrume.

**NAMORAR** — Fazer de urso.

**NAMORO** — Primeira expressão da parvoíce humana, assim como o casamento é a última, segundo afirmam os descontentes.

**NARCÓTICO** — Um livro do senhor V.

**NAVALHA** — Lira dos poetas do fado.

**NAVIO** — Viajante, a quem as viagens estragam e não ilustram.

**NUDEZ** — Uso econômico e primitivo, ao qual a polícia declarou guerra, para proteger os alfaiates e as modistas.

**NULIDADE** — Gênero que sempre tem saída, apesar da sua abundância; varão conspícuo; nunca se deprecia, porque serve de marca nas contradanças políticas.

## O

**OBRAS (DE CASAS)** — Pinhal da Azambuja, no conceito dos proprietários.

**OBRIGADO** — Ah! tu infliges-me a humilhação de um serviço! Pois deixa estar, patife, que mo hás de pagar!

**ÓCIO** — Deleite que os pobres comprem caro; o antípoda do trabalho.

**OCIOSO** — Membro da liquidação social, quando não tem duzentos contos de renda.

**OLEIRO** — Escaravelho aperfeiçoado.

**OLHOS** — Interpretes que tornam diabolicamente verdadeiro o provérbio italiano: *Tradutore, traditore*; portas da traição.

**OPINIÃO** — Julga-se que fosse uma espécie de ventoinha, que o vento levou há muitos anos. Passa-se bem sem ela.

**OPOSIÇÃO** — Moinho de moer senso comum, no conceito dos ministeriais.

**ORAÇÃO** — Traço de união entre a criatura e o criador.

**ORÇAMENTO** — Mistério. — *Monstrum horrendum, informe, ingens, cui lumen ademptum*. O que traduzido em vulgar quer dizer: “Polifemo, a quem vários Ulisses tem tirado os olhos da cara, substituindo-lhos por uma trapalhada”.

**ORGULHO** — Paixão digna de quem não pode ter outras; a lombriga dos imortais.

**ORTOGRAFIA (PORTUGUESA)** — Reminiscência da torre de Babel.

**OSTRA** — Pessoa que não se mostra por dentro senão quando acha maré.

## P

**PÁ** — Instrumento que estava a calhar nas costas dos amigos da união ibérica, se ainda houvesse Brites de Almeida. Infelizmente as padeiras de hoje, incluindo as de Aljubarrota, preferem a pá de vitela, desossada.

**PAÇAL** ou **PASSAL** — O último osso nacional que se está roendo. Desperdiçaram a farinha e comem agora o farelo!

**PACHORRA** — *Alma mater* da minha terra. Faz gosto ver como ela engorda a estudar todas as questões!

**PACIÊNCIA** — Virtude que ninguém se esquece de aconselhar àqueles a quem pisa os calos.

**PACIENTE** — Um, que se sentiu incomodado, momentos antes de ir para o patíbulo, exclamou, ao ver entrar no seu cárcere um homem vestido de preto: “Não é preciso; não é preciso! Prefiro que me enforcem já.” — “Sou o executor da lei...” — respondeu como desculpando-se o carrasco. — “Ah! — tornou o padecente muito consolado — Cuidei que era um médico!”

**PADRE** — Bilheteiro do céu. Escusam de o procurar sem dinheiro, que ele não abre a porta.

**PADROADO** — Direito que podia ser uma das glórias portuguesas no oriente, e é uma das nossas vergonhas.

**PÁGINA** — Desculpem, se lhes impinjo esta!

**PAIO** — Ideal dos que amam... os do Alentejo.

**PAIS (DA PÁTRIA)** — Parricidas e antropófagos inconscientes. Matam e comem a mãe aos pedaços.

**PAIXÃO** — Bebedeira do sangue.

**PALAVRA** — A faca do pensamento.

**PALAVREADO** — Flores do charlatanismo.

**PALCO** — Paródia do paraíso de Mafoma: tem as houris pintadas.

**PALHA** — Artigo que devia ter muito maior consumo, atendendo ao grande número dos que precisam dela.

**PALHADA** — Literatura contemporânea, excetuado o meu dicionário.

**PALPITANTE** — Coração de mulher, quando joga a primeira carta na banca do matrimônio.

**PANACÉIA** — A minha idéia de governo. A dos meus adversários dá cabo do país em vez de o curar.

**PANDIGA** — Termo chulo, que tem dado em pantana com muita gente séria.

**PANTANA** — País para onde se vai pelo caminho da pandiga.

**PAPAGAIO** — Deputado da maioria, no dizer dos seus inimigos. Alguns nunca aprendem a falar bem.

**PAPÃO** — O *déficit* do orçamento do estado em Portugal.

**PARAIZO** — Lugar onde não há livros, nem jornais, nem prodígios de talento de nenhuma espécie.

**PARASITA** — Verme intestinal das pessoas, generosas; orquídea que vive nas mesas ricas; colega do piolho.

**PARASITISMO** — Doença que devora ministérios.

**PARENTES** — Inimigos dados pela natureza.

**PARLAMENTO** — Boceta de Pandora; casa onde não há pão, todos ralham ninguém tem razão; casa onde todos querem entrar, e de onde poucos sabem sair.

**PARLAPATICE** — Mana da patacuada.

**PARTIDO (POLÍTICO)** — Quando oposição, grupo de seis homens e um cabo. Quando governo, exército numeroso.

**PARVALHEIRA** — Região ocidental da península hispânica, onde os parvos grelam e florescem como os nabos.

**PARVOÍCE** — Uma divindade muito estimada.

**PASQUIM** — Bofetada escrita.

**PASSADO** — Abismo sem fundo, para onde olhamos sempre.

**PASTA** — Alma dos ministros... e do boticário Regnaud. A do último é contudo, menos peitoral, apesar de ser mais balsâmica.

**PASTEL** — Visita querida para estômagos gulosos.

**PASTELEIRO** — Concorrente de certos políticos, sobretudo se abusa do mesmo molho para tudo.

**PASTOR** — Lobo Disfarçado.

**PASTORA** — Já não ha. Florian deu cabo delas.

**PATEADA** — Averso de um bom pano. O direito são as palmas do aplauso.

**PATIFE** — Homem de bem que se descuida.

**PATINHAR** — Cousa novamente introduzida, na qual a gente se diverte fazendo de urso e quebrando as pernas. É uma espécie de natação, à maneira de pato, nos lagos, digo, nos salões dos teatros.

**PATRIOTA** — Homem que quer mamar.

**PATRIOTISMO** — Faro de emprego graúdo; bordão a que se encosta a barriga.

**PATRONATO** — Cousa que eu nunca apanhei, mas que me consta ser muito boa, e por isso a recomendo.

**PAULADA** — Prazer dos deuses... que a dão.

**PAVÃO** — Espécie de pássaro, depenado pelo senso comum, que não serve senão para dar glória... aos alfaiates.

**PAZ** — Sonolência da diplomacia.

**PE** — Hemistíquio humano.

**PEÃO** — Os pequenos jogam com os de pau, os grandes com, os de carne e osso. O segundo método é mais bonito, salvo para os que apanham.

**PECHINCHA** — Uma boa moça com trezentos contos de réis. Não se ponham com escrúpulos, que há muito quem queira.

**PEÇONHENTO** — Sapo literário. Arrasta-se pelos escritórios dos jornais, e como não pode subir, lança a baba para o ar com o intuito de salpicar tudo que está acima dele.

**PECULATO** — Descuido dos que metem na sua algibeira o dinheiro do estado. Em certo país que eu sei, há muitas propriedades, que bem podiam chamar-se, à romana, *peculatorius*.

**PEDIR** — Sistema de escorraçar amigos.



**PEIA (PARA SELVAGENS)** — Presilhas, gravata, botas e suspensórios. (PARA CIVILIZADOS) — Respeitar-se a si e aos outros. A liberdade (como hoje a entendem) vai dando cabo desta última.

**PEITA** — Uma cousa que acabou desde que todos queriam antes ser peitados do que peitar.

**PEIXEIRO** — Repuxo de palavradas.

**PELE** — Campo que quanto mais se cobre de flores mais repugnante parece. Nascem nele as bexigas, o sarampo e a escarlatina, sem falar nas dez mil variedades de herpes, desde a sarna e o darto até o cancro e a lepra. Felizes daqueles a quem tiram a pele!

**PELOURINHO** — Diminutivo de pelouro. Os vereadores podem estar Num e em outro, conforme seus merecimentos.

**PENA** — O buril que mais profundamente grava a idéia no coração dos séculos; estilete, cuja ponta é mais rija que o diamante; arma que honra o homem quando ele a emprega em defesa dos oprimidos; e que o desonra quando serve a injustiça e a tirania.

**PENEIRA** — Em frase popular são os vidros dos óculos com que vemos o próximo quando o escovamos. (*Veja o artigo: MÁ LÍNGUA.*)

**PENHOR** — Garantia que por vezes se exige aos roubados no ato da espoliação.

**PENITENCIARIA** — Renascimento da inquisição e da Bastilha, que zomba das revoluções e progressos do espírito humano.

**PENSAMENTO** —... O maior bem que Deus nos fez foi dar-nos de modo que ninguém o possa ver. Do contrário, comíamos-nos vivos uns aos outros.

**PENSAR** — Viver, asneiar.

**PENSIONÁRIOS** — Vermes intestinais.

**PEQUENO** — Homem que se julga muito grande.

**PEQUICE** — Sinal por onde os deuses que nós fazemos revelam a sua origem mortal.

**PERCEVEJO** — O caluniador: morde e esconde-se, apenas sente que o procuram. É o mais covarde dos insetos nojentos; companheiro de cama que nos róia a pele.

**PERDÃO** — Aplauso que pede *bis* aos patifes.

**PERDER (A CABEÇA)** — É galicismo duplamente censurável, porque, na maioria dos casos, as pessoas que o empregam já não tem pés nem cabeça.

**PERDULÁRIO** — Cavalo que deita a maior parte da palha fora da manjedoura.

**PÉRFIDO** — Rato que rói o queijo da amizade.

**PERNA** — Silêncio!... Não profanemos os mistérios do algodão em rama.

**PERNAS** — Eu prefiro as do porco.

**PERRARIA (PERRICE)** — Um prazer feminino.

**PERU** — Sujeito que atrai peruas, das que trata o artigo imediato.

**PERUA** — Fantasia da linguística popular, de sentido obscuro. Muitas pessoas respeitáveis a tem tomado, no intuito de ver se decifram o enigma, porém adormecem antes de tê-lo adivinhado.

**PESCADA** — Uma filha de Amfitrite, que eu amo, cozida, com azeite e vinagre, e até frita, com salada; a rosa do mar.

**PESCADINHA** — Imitadora das crianças que chucham no dedo, quando os cozinheiros lhe metem o rabo na boca. Peço perdão aos srs. gramáticos desta anfibologia. Não é às crianças que o cozinheiro mete o rabo na boca, é às pescadinhas. O diacho da gramática está a mangar comigo! Entenda-se que é o rabo das ditas pescadinhas que ele mete na sua boca delas, e não outro rabo qualquer.

**PESTE** — A doutrina dos nossos adversários.

**PETRÓLEO** — Inteligência dos candeeiros.

**PIANO** — Maravilha do engenho, antes de vulgarizado. Agora, máquina infernal de machucar paciências e ouvidos. Oh! jovens prodígios, que os papás e as mães, repletas de parvoíce e de jubilo odioso, impingem às visitas infelizes, eu vos arrenego!

**PIMENTA** — Artigo que, se não fosse a minha modéstia, eu afirmaria existir neste dicionário em grande abundância e para fazer arder todos os paladares.

**PINOTE** — Expansão por mímica.

**PINTAR-SE** — Arte de não verificar as datas.

**PINTURA** — Depois que se usa a da cara e a dos cabelos, já ninguém presta atenção às outras; arte de engraxar cabeças.

**PIPA (DE VINHO)** — Gaiola do jubilo.

**PIRATA** — Caçador de noivas ricas.

**PITEIRA** — Planta-se nos valados, e deita gente nas valas.

**PLÁSTICA** — A arte de modelar... com pasta de algodão.

**PLEBEU** — Cidadão que tem noventa probabilidades por cento para subir, enquanto que o nobre tem o mesmo número delas para descer.

**POBRE** — Bedelho de cães e gatos.

**POÇO** — Furo por onde quase sempre sai o dinheiro e não entra água.

**POEMA** — Caldeirada de versos. Eu prefiro as de enguia.

**POESIA** — É como cada um a sente e entende. Para uns resume-se num bom pichel de vinho novo, diante de um lombo assado; para outros é a lua refletindo-se nas águas serenas dos lagos; para a mãe, o riso do filhinho no berço; para o pai, o não ouvir chorar a criança quando quer trabalhar; para o soldado, não ter de ir à guerra; para o empregado, um feriado; para a donzela, um noivo; para o agiota, noventa e nove por cento; para o ministro, a pasta indisputada e os aplausos da maioria; para o marinheiro, o bom vento; para o médico, um caso de doença bem horrível e bem desconhecida; para o fumador, ótimos charutos; para o viajante, mundos desconhecidos; para a mulher, um vestido como não tenha nenhuma das suas amigas; para o marido, uma família que não lhe peça dinheiro; para o janota, objetos que pôr no prego e botequim que fie *cognac*; para as atrizes, palmas e admiradores ricos; para os escrevinhadores, quem lisonjeie as suas inépcias e sensaborias; para os maus autores, quem lhes louve a estupidez e a ignorância; para os empresários, autores famintos; para os inúteis, um fato bem feito... para mim a poesia é o silêncio, a solidão e o sono.

**POETA** — Simplório; escultor que desenha no ar; pirilampo que segrega pieguices luminosas; ente que se diz incompreendido, e que o é realmente quando pretende conquistar o mundo em verso. Desgraçado! Se queres que te entendam, fala na boa e clássica prosa do peru trufado e do vinho da Madeira, que tu não detestas... nem eu.

**POLEIRO** — Pomo de discórdia. E cada vez há mais galos!

**POLÍCIA (DE LISBOA)** — Um mito.

**POLIDEZ** — Fazenda de bonita aparência.

**POLÍTICA** — Máquina de moer consciências; bailarina pervertida pelas contradições e caprichos dos compositores de dança.

**PONTO** — Nó dado na barriga dos empregados, quando se suspendem os pagamentos.

**PONTUAÇÃO** — Os alfinetes de pregar a palavra escrita.

**PORCO** — Sonho das mulheres pálidas e nervosas; um curso de filosofia ambulante. Meditem e digam se não é verdade. Comido pelos que mais o amam! Em quem se há de fiar a pobre gente suína?!

**PORTEIRO (DE SECRETARIA)** — Cérbero ministerial.

**PORTUGUÊS** — Língua que todos falam e ninguém sabe.

**POSIDÔNIO** — Cousa feia, parvoíce.

**POSTIÇO** — Oh, minhas senhoras... mil perdões! É o meu triste ofício de escritor quem me obriga, sem eu querer, contra todos os meus sentimentos e desejos, a traçar aqui estas linhas, que até fazem corar o lápis de ouro com que as escrevo! Acaso vv. ex.<sup>as</sup> já refletiram bem na situação em que se colocam, quando entram Numa casa de modas e pedem (a um homem, santo Deus! E às vezes a que homem!) certo objeto, que ali se vê ostentadamente pendurado nas armações pelas fitas com que há de ser preso às cinturas de vv. ex.<sup>as</sup>?! Essa cousa, cujo aspecto me faz baixar os olhos, e me dá ao rosto a cor de lagosta cozida, chamava-se um... francês. A casta linguagem da elegância dá-lhe hoje o nome de *tournure*. Mas nem por isso o traste deixa de ser para vv. ex.<sup>as</sup> porem sobre os quadris, com o fim de fingirem (oh! moda!) que tem um... muito grande. Mas, minhas senhoras, para que serve a vv. ex.<sup>as</sup> um... muito grande, que (de mais a mais!) é postiço?! O impudor (desculpem a dureza da frase) o impudor não está no tamanho artificial do traseiro. A natureza poderia, sem sacrifício, ter-lhes feito a vontade, dotando-as com um... verdadeiro, de mais vastas proporções ainda do que o fingido. Onde o caso se me afigura espinhoso para as pessoas medianamente graves, é quando o caixeiro (no uso pleno dos seus direitos de fazer valer a mercadoria) se permite a familiaridade de passar complacentemente a mão sobre a rotundidade do objeto, e medindo com a vista o posterior de vv. ex.<sup>as</sup>, lhes diz sorrindo:

— “Este deve ficar-lhe bem!”

A primeira vez que presenciei uma cena destas caí para traz, sobre uma cadeira, fulminado de vergonha, pelas palavras do vendedor. Na minha cândida ingenuidade pensei que a compradora do traste em questão ia esmagar o homem com um desses olhares olímpicos, que as grandes atrizes usam uma vez

na vida, quando representam de Lucrécias, em noite de benefício. Mas a senhora voltou, visivelmente lisonjeada, e rindo também:

— “Acha?...”

Era uma pessoa de alta sociedade, como se diz em calão aristocrático, mãe de família, e trajada como uma rainha. Comprou o sobressalente, que, depois de embrulhado, um laçoi levou para a carruagem, e despediu-se, com uma cortesia e um riso amável do lojista e dos seus empregados. Abismado por tamanho rebaixamento moral, fiquei com ar de ingênuo de teatro particular, ruminando comigo os seguintes pontos, que respeitosa e submeto à crítica de vv. ex.<sup>as</sup>:

— Se uma senhora, mãe de família, se preocupa com artifícios e modas ridículas, encumaçando-se, pintando-se, contrafazendo-se, e mentindo a si e aos outros, persuadida de que alguém acredita na cor dos seus cabelos e na altura dos seus seios e traseiro, Num tempo em que raros são os que se não pintam e encumaçam, que educação dará a seus filhos com esses exemplos?! Começa desde o berço a levá-los por um caminho, do qual nunca mais puderam sair — o da impostura; costuma-os ao fingimento, porque lhes serve de modelo do modo mais funesto e contagioso. E quando eles chegarem à idade de pensar, será sua própria mãe a primeira pessoa a quem percam o respeito, que ela não soube arraigar-lhes n'alma com um procedimento sério, modesto, franco e simples. Em vez de boas e sãs lições de religião, de moral, de probidade e honra, deu-lhes noções falsas de tudo, conhecimentos superficiais e idéias incompletas; encumaçou-lhes a razão com crenças postiças, envernizou-os com uma educação viciosa e lançou-os na circulação, pervertidos antes de tempo, como moveis novos feitos de madeira já carunchosa. São estes produtos que compõem a maioria da sociedade atual, em todas as nações que se dizem cultas. Deles saem os professores, os médicos, os padres, os juizes, os deputados e os ministros!...

Minhas senhoras, rogo a v. ex.<sup>as</sup> que se dignem refletir um instante neste problema: — Que pode esperar-se para o progresso e aperfeiçoamento da espécie humana, de homens que vêem suas mães a comprar... franceses? — O que pode sair de um traseiro postiço, a não ser o rabo (cauda) de seis metros, que principia a substituí-lo?

Se vv. ex.<sup>as</sup> entenderem que vale a pena, meditem um pouco este assunto, sem se prenderem com a circunstância de ter sido o meu dicionário, e não qualquer outra moda que chamou para ele a sua atenção.

**POSTURA** — Devaneio municipal para recreio dos polícias.

**POVO** — Pau para toda a obra. Se, como o boi, ele não desconhecesse a sua força, outro galo lhe cantaria. Em todo o caso, tomem cuidado não lhes caia em cima, porque pesa muito.

**PRATICO (HOMEM)** — Não se fiem nele. Dantes pediam-se homens práticos a propósito de tudo. Agora já todos se julgam experimentados, e não fazem senão dar com as cangalhas em terra. Cautela! Sobretudo com mau tempo duvidem da sua ciência. Eu, em me cheirando a especialista, pés para que te quero! Se tem amor à pele, façam outro tanto.

**PREGADOR (MAU)** — Máquina de moer senso comum.

**PRESENTE** — Indiferença de que amanhã teremos remorsos e saudades; cousa que se dava antigamente. Hoje é apenas tempo dos verbos; leitor benévolo, se acaso estás costumado a mandar-me alguns, que o teu zelo se não esfrie com esta generalidade. Não era a ti que eu me dirigia, mas sim aos sovinas que nunca me deram nada; chave com que às vezes se abre a porta do futuro.

**PRESILHAS** — Escotas das calças.

**PRIMAVERA** — Uma prova da imortalidade. Nada morre: tudo se renova e transforma. Se duvidam, reparem nos abusos que se reproduzem incessantemente na nossa terra.

**PRIMITIVO** — Sujeito que não corresponde a um comprimento.

**PRINCÍPIOS** — Fins de muita gente.

**PROBIDADE** — Tolice que hoje só se tem por esquecimento.

**PROCESSO (JUDICIAL)** — Duelo em que ambos os contendores ficam feridos.

**PROSA** — Pão da idéia, da qual a poesia é o bolo.

**PROSTITUIÇÃO** — Fleimão ardente, que nasce nos costumes.

**PROTETOR** — Estaca que se põe às plantas para se apoiarem. Às vezes cai sobre elas e quebra-as.

**PROTETORES (DIREITOS)** — Testemunho irrecusável da capacidade dos economistas, que por amor de quatro compadres fazem gemer quatro milhões de almas; um gosto característico da nação portuguesa: à obrigar os seus súditos a gastar tudo mau pelo dobro do que custa o bom, persuadida de que assim faz acreditar aos estranhos que nós temos indústria e artes. Já é... simplicidade!

**PRÓXIMO** — O que está mais perto. Cuidado com ele!

**PRUDÊNCIA** — A melhor arma que nós estragamos convertendo-a em pachorra.

**PRUDENTE** — Aquele que mata outro em vez de se matar a si.

**PUDOR** — Vestuário da alma.

**PULHA** — Mulher que pinta o cabelo e usa dentes postiços.

**PURGANTE** — Insurgente dos intestinos.

**PURGATÓRIO** — Um dia de eleições para os candidatos; calabouço da polícia; Sedlitz das almas.

## Q

**QUADRA** — A forma de poesia mais suportável, por conter apenas quatro versos. Ainda assim é raro que desses não sejam três detestáveis e um medíocre.

**QUADRILHA** — Reunião de pessoas que se associam para explorar... o próximo.

**QUADRO (PAINEL COM PINTURA)** — Diziam dois sujeitos de má língua, visitando uma exposição da Sociedade Promotora de Belas Artes:

— “Ó aquele, tu entendes?”

— “Entendo, sim. Que queres que te explique?”

— “Sabes se este cartucho é de coelho, ou se o coelho é de cartucho?”

Dizendo isto, apontou, para um quadro que figurava um coelho morto, a par de um cartucho de papel semi-azulado. O companheiro olhou para a pintura, depois circunvagou os olhos pela sala e respondeu:

— “O cartucho é de coelho e o coelho é de cartucho. Percebes?”

— “Percebo. Mal empregado tanta tinta estragada! Isto, posto à porta dos droguistas, fazia um vistão.”

— “Olha que se te ouvem, racham-te.”

— “Por quê? Acaso não pago eu a minha libra para promover o desenvolvimento do desandamento?”

— “Certamente. Mas não vale atacar com baldas certas. Bem sabes que o costume da terra é andar para traz.”

— “Ó aquele, vamos embora. O que nós protegemos são as drogarias e não as belas artes.”

— “Espera. Se te sair o prêmio de duzentos mil réis, vendes-me o quadrinho para eu dar à Josefa, que tem muito dó de brutos aleijados?”

— “Quanto me dás por ele?”

— “Três libras. Achas que as valerá?”

— “Parece-me razoável. É teu... se me sair.”

— “Está dito então.”



**QUADRÚMANO** — Homem degenerado. Outros asseveram que é aperfeiçoado, e que nós, vindo dele, estragamos o tipo.

**QUADRÚPEDE** — Não lhe batas, cruel! Quem sabe se é teu irmão?

**QUARENTENA** — Rosna-se muito. Será bom nomear uma comissão... para que se rosne mais.

**QUARTÃS** — Não brinquem com elas! Estão compradas pela farmácia e pela medicina.

**QUARTEL** — Ninho de heróis... na casca. Muitos goram.

**QUARTILHO** — Tudo no mundo se transforma para pior! Até o bom e honrado quartilho se virou em pífiio decilitro! Oh! amadores, que lástima! Como há de um homem saber agora qual era a sua conta?!

**QUEBRAR** — Arte de tirar a camisa aos outros; remédio infalível para se ficar inteiro. Um milhão de curas!!!

**QUEDA** — Visinho do coice. Não caiam, rapazes; senão levam!

**QUEROSENE** ou **PETRÓLEO** — Gênero que quanto mais abunda no mercado de Lisboa, mais encarece. Ó senhor Governo; acuda aos monopolistas com mais leis protetoras, e com mais comendas. V. ex.<sup>a</sup> e eles... lá se entendem.

**QUILO** ou **QUILOGRAMA** — A nossa jurisprudência sempre tem cousas! há de a gente receber novecentas gramas de carne, quando paga um quilo, e se chamar ladrão ao açougueiro, vai o roubado para a cadeia e não o roubador! Não se pode chamar ladrão a ninguém sem que os tribunais sentenciem; mas pode-se ser roubado por todos, sem que ninguém se importe! A lei protege unicamente os que roubam o povo! Ó nações do mundo? Quem dá uma medalha de honra a este país originalíssimo?! E se não há medalhas, dêem-lhe, ao menos, mais alguns pontapés, além dos que todos os dias leva. Mas, voltando ao quilo, convém saber que o mais que ele dá em Portugal, sobre tudo nos açougues, são novecentas gramas, e já é bem bom.

**QUISTO** — Membrana em forma de bexiga, contendo humores perniciosos, que nasce nos costumes e tem o nome vulgar de alcouce.

## R

**RABUGEM** — Afinidade entre a criança mal educada, a mulher de mau gênio e o cão doente.

**RACIOCÍNIO** — Meio de chegar à tolice pelo caminho mais longo.

**RAFEIRO** — Professor de instrução primária. Guarda gado miúdo, e vive do acaso como os cães sem dono. O desdém com que o tratam, indica assaz o zelo da sociedade pelos seus futuros membros.

**RAIO** — Buscapé celeste; gracejo pirotécnico da eletricidade; advertência de que as nuvens tem a palavra.

**RAPTO** — Combinação amorosa em que o raptor é muitas vezes o roubado.

**RATOEIRA** — Olhos bonitos.

**RAZÃO** — Uma faculdade, que quanto menos se tem mais se afirma que se possui. Em França, quando a não tinham, erguiam-lhe estátuas, e adoravam-na personificada por qualquer meretriz; um disparate fugido de Rilhafoiles. Todos a querem para si, e ninguém prova que tenha direito a ela senão os doidos que a não reclamam.

**RÉ** — Parte visível da embarcação encalhada no banco do crime. A proa está mergulhada na consciência do júri.

**REACIONÁRIO** — Um acido corrosivo.

**RECEITA (PÚBLICA)** — Bicha furada; **(MÉDICA)** — Prelúdio de um epicédio em crua prosa.

**RECONCILIAÇÃO** — Vinho azedo ou restaurado com maus ingredientes, que raros bebedores podem tragar.

**RECRUTA** — Aprendiz de herói, que, enquanto se ensaia a bater o chão com os pés, trocaria de bom grado o bastão de marechal que tem em perspectiva por um bordão de peregrino para regressar ao lar paterno.

**REFLEXÃO** — Luz que alumia asneiras.

**REFORMA** — Maneira por que em Portugal se piora e estraga tudo; — Oh, senhores, ao menos não reformem os costumes! Que será de nós, se lhes mexem?! Bem basta o deplorável estado em que eles já estão!...

**RELATÓRIO (DE LEI)** — Tisana política; **(DE PESSOA QUE FOI ESTUDAR AO ESTRANGEIRO)** — Clister literário.

**RELÓGIO** — Espécie de inquisidor que nos miga a vida.

**REMÉDIO** — Dois pontapés dados a tempo é o melhor que se conhece para curar patifes.

**REMORSO** — Indigestão da alma.

**REPARAÇÃO** — Ato muito penoso para os poltrões e para os proprietários.

**REPROVADO** — Nadador que descaiu com a corrente.

**RÉPTIL** — Bicho venenoso, que se arrasta sob a sombra dos homens de mérito, lambendo-lhes os pés quando não pode morder-lhos; espécie de homem degenerado.

**RESPEITO** — “Ah! meu caro senhor, que tempos! Já ninguém quer ser respeitoso!...” — “E o senhor sabe se ainda há quem saiba ser respeitável?”

**RESTITUIÇÃO** — O pior dos vomitórios.

**RETRATAÇÃO** — Esponja com que cada um se suja a si para lavar os outros.

**REUMATISMO** — A escravidão... dos membros.

**REVOLUÇÃO** — Caso em que os que levam mais pancada não são os que recebem mais recompensas; jogo de xadrez, no qual só aos peões não é permitido recuar.

**REVÓLVER** — Invenção do diabo, que faz ter juízo a muitas criaturas de Deus, quando se puxa por ele a tempo.

**RICA (MULHER)** — Isca que atrai velhacos.

**RÍCINOS** — Vasculho intestinal.

**RICO** — Desgraçado de quem todos dizem mal, quando não lhe apanham dinheiro.

**RIGORISTA** — V. ex.<sup>a</sup>... Perdão... eu... nós. Isto é: Pessoa que só vê os outros e nunca olha para si.

**RIQUEZA** — Vv. ex.<sup>as</sup> não tem notado quão frequentemente se encontram os mais ricos pianos em casa de pessoas que não sabem tocar!; a lâmpada maravilhosa de Aladim. —... Não conheço. A patifa tem andado sempre por longe da minha porta.

**RISCO** — Devia ser um traço, ou linha geométrica; porém, pelas evoluções da língua, entende-se que pode tornar-se um furo na pele ou nos haveres.

**RISO** — A flor da alma; porta do coração escancarada.

**ROMANCE** — A imaginação em vulto.

**RONCAR** — Trombeta de Jericó do amor. Ao primeiro ronco desmorona-se tudo.

**ROSÁRIO** — Deus... com ervilhas.

**ROSTO (FISIONOMIA)** — Tabuleta de que convém desconfiar.

**RUAS (DE LISBOA)** — Caminhos sobre vulcões, que em vez de fogo tem... cheiro pestilencial; valas de lama e de poeira, que levam às do cemitério; estrumeiras Disfarçadas, e cujos nomes, na sua grande maioria, dão a medida da ilustração das vereações e dos governadores civis que tem dirigido a cidade. Alguns desses nomes não cabem no sobrescrito de uma carta, e são impossíveis para o uso do telégrafo; outros cheiram mal, como as ruas que os tem; e muitos são estúpidos, absurdos e repetidos vinte vezes. Conservam-se todavia para glória da administração e da municipalidade, que não querem bulir com eles pelo muito respeito que sempre tiveram a tudo quanto é tolice.

**RUDE** — Pessoa por descascar.

**RUDEZA** — A côdea humana.

**RUGAS** — Caminhos abertos pelos pés do tempo.

**RUGIR** — Maneira por que os intestinos fingem de tigres.

**RUMINANTE** — Animal que remói muitas vezes a mesma comida. Exemplos: o boi, o romancista, o compositor de música, etc., etc.

## S

**CÉTICO** — Paladar estragado por gêneros falsificados.

**SABEDORIA** — É a arte de ser tolo sem que os outros percebam. “Sabenças para que servem?” Disse o Camões, ou não sei quem. Portanto, é chiar do papo e deixar girar o marfim.

**SABER** — A desgraça da humanidade. Quanto mais o individuo se afasta da sua esfera, maior número de necessidades cria e mais dificuldades achará para satisfazê-las. Os apóstolos da instrução a todo o trance nunca pensaram nisto. Quanto maior for o número dos instruídos, menos emprego haverá para eles, e a sociedade terá tornado mais insolúvel o problema da felicidade humana. O que na ignorância se contentava com cigarros e mau vinho, ilustrado quererá Champagne e charutos havanos. Aonde os tendes para lhe dar, oh! pregadores do ensino obrigatório?! Acaso a vossa sociedade pode satisfazer as aspirações ambiciosas de um povo de sábios?! Julgais que os comunistas de Paris não sabiam ler nem escrever? Ora metei a viola no saco, que eu faço o mesmo.

**SÁBIO** — Aquele que chegou a conhecer a sua inépcia e ignorância. Creio que não há nenhum.

**SABUJO** — Cão que engraxa botas.

**SADIO** — Natural de terras em que não há boticas nem médicos.

**SAGUÃO** — Foco de infecção, alimentado em Lisboa pelo patrocínio da polícia.

**SAL** — A maior necessidade literária do nosso tempo.

**SALADA** — Discursos parlamentares.

**SANDICE** — Senhora do meu maior respeito.

**SANGUE** — Moeda circulante dos corpos. Está todo falsificado pelos alimentos venenosos e pelos canos de esgoto, que são as medalhas de honra da cidade de Lisboa; líquido composto atualmente de tanta coisa suspeita, que bem se lhe pode chamar lavadura de tigela da casa; o que há nele de singular é que temos muito menos desde que os médicos nos não tiram nenhum. Provavelmente porque tinham extraído demasiado a nossos pais, por adiantamento.

**SANGUENTO** — É assim que eu amo o *beef* e que os conquistadores amam os povos.

**SARCASMO** — Aplainadela com ferro amolado de novo; vespa do intelecto.

**SÁTIRA** — A pimenta da literatura.

**SAUDADE** — O estado de quem tem o capote empenhado, depois de jogar a última libra que lhe deram sobre ele, quando sente apertar o frio.

**SAÚDE** — Planta rara que os médicos não conseguiram ainda extinguir inteiramente.

**SEDA (BICHO DE)** — Se esses pobres vermes soubessem para quem trabalham às vezes!...

**SEDE** — É também um dos motivos por que a gente bebe. Mas entre a água dos canos de chumbo e os vinhos das nossas tascas deve haver hesitações dolorosas!

**SEGREDO** — Se não queres morrer solteira, nem ao teu travesseiro reveles o que te aloira os cabelos, ou te arredonda graciosamente o seio. Um olhar desconfiado adivinha trouxas e cumachos, até onde eles nunca existiram! As tintas claras são pérfidas; o algodão em rama tem achatamentos imprevistos, de denunciante vilão; não te fies senão no *roast-beef* inglês, no salpicão de Castelo de Vide, no bom Bairrada e no velho Porto. Só eles são discretos e generosos. Pede-lhes o que te falta, e serás feliz se te atenderem.

**SELVAGEM** — Sujeito que não doura pílulas.

**SEMENTEIRA** — Fonte da esperança.

**SENSO (COMUM)** — Velharia. A idéia nova promete dar cabo dele.

**SENSUAL** — Pessoa que tem o diabo no corpo.

**SENTIR** — Padecer.

**SEPULTURA** — Lugar onde se arrumam cousas inúteis, que não tornam a servir; caixa do esquecimento.

**SEREIA** — Ministro cantando à maioria quando ela se mostra esquiva.

**SERIEDADE** — Quase que já ninguém acredita nela, nem sequer os que a tem!; indício de decadência.

**SERINGA** — A musa dos intestinos; saca-rolhas das tripas.

**SERPENTE** — Mulher que assobia.

**SERTANEJO** — Transição do homem para o bruto.

**SERVIÇO** — Causa que se esquece tanto como o chapéu de sol.

**SEVANDIJA** — Espécie de lagarta que infesta as antecâmaras dos ministros.

**SILABUS** — Papão, filho de Papa.

**SILÊNCIO** — Parede feita pelos meus colegas Joões Fernandes em torno de todas as obras que não saem do seu grêmio, com o louvável intuito de impedir que se lhes vejam os defeitos. Ah! meu pobre dicionário!... Eles te ensinarão a ter juízo.

**SIMPLICIDADE** — É persuadir-se a gente de que ainda há gêneros não falsificados, polícia que puna os vendedores que nos envenenam, agiotas de coração, meninas que não queiram casar, sujeitos que façam cara a um grande dote, ainda que a noiva seja *tout ce qu'il i a de plus... chose; e muchas cosas mas*.

**SINAPISMO** — Cataplasma que se danou; remorso da pele, quando sente a mostarda tomar o freio nos dentes.

**SINECURA** — Lobinho tornado em teta.

**SINEIRO** — Encarregado de espantar as almas, quando toca a finados, para que elas não voltem aos corpos, caso em que poderiam surpreender muitos segredos de família, que lhes tirariam as ilusões que levaram da terra.

**SINISTRO** — Credor que quer que lhe paguem.

**SINO** — A voz da igreja sem a poesia da religião; vizinho insuportável, sobretudo quando nos repete sem parar a notícia da morte de pessoa querida; berrador que nunca enrrouquece; amigo que saúda o nosso nascimento, e chora a nossa morte... quando pagamos a quem o faça alegrar ou entristecer; ator da farsa da vida e da comédia da morte; pantomineiro alugado para fazer um papel que ele recita sempre no mesmo tom.

**SISTEMA** — Cada individuo tem o seu. É a melhor maneira de chegarmos a um acordo!

**SÓCIO** — Companheiro de cama, que muitas vezes quer puxar a roupa toda para si.

**SOLDADO** — Qualificação atrozmente irônica. Para familiarizar o homem com a idéia de que há de ser partido, começa-se pelo aterrar, apenas senta praça, com a afirmativa de que já não está inteiro!

**SOLTEIRO** — Pássaro que sonha com a gaiola.

**SONO** — Esquecimento; porta, atrás da qual a gente se esconde dos desgostos.

**SONOLÊNCIA** — Enfermidade passageira. Acomete muito as pessoas que ouvem louvar os seus amigos.

**SORRISO** (DAS CRIANÇAS) — Flor do paraíso; (DAS NAMORADEIRAS) — Rede de apanhar patos; (DA MULHER AMADA) — Sol que nos aquece; (DOS QUE PRECISAM) — Armadilha; (DOS HIPÓCRITAS) — Careta a que se deve responder com dois pontapés, em sítio que a gravidade dos leitores, e a minha própria, me impede de revelar, mas que facilmente adivinhará a sua perspicácia.

**SUBORNO** — Azeite que se dá nas molas para que os trastes funcionem à nossa vontade.

**SUBRIPIO** — Verbo latino conjugado por todas as nações modernas. Pode traduzir-se por “abafar o alheio”.

**SUICÍDIO** — A última loucura. Mulher que eu adoro, pela tua salvação te peço que não me estragues os fósforos! Está tudo pela hora da morte! E desde já te previno que se me saíres pela janela, não dou nem dois patacos a um padre para te fazer o enterro. Esperarás na rua pela tumba da misericórdia ou pela carroça do lixo. Os suicidas não valem uma pitada de tabaco.

**SUOR** — Produto natural das bestas do carga e dos constipados felizes

**SUPLICIO** — Rouxinol cantando na gaiola a ária da liberdade; gato contemplando a frigideira cheia de carapaus mergulhados em azeite fervendo; Romeu corrido a cacete pelo pai de Julieta.

**SUSCEPTIBILIDADE** — *Noli me tangere*. Traduzido em português diz assim: “Não bulam com o bicho que se assanha!”

**SUSPEITA** — Nodoa difícil de lavar.

**SUSPENSÃO** — Compassos de espera nos pagamentos.

**SUSPENSÓRIOS** — Adriças das calças.



## T

**TABACO** — Envenenador que reparte com o estado os seus lucros para que este o deixe funcionar livremente.

**TABERNA** — Lupanar do estômago; a mãe das facadas.

**TALENTO** — É a arte de nos fazermos aplaudir por outros mais tolos do que nós.

**TANGENTE** — Jangada de salvação.

**TELÉGRAFO (TRANSATLÂNTICO)** — Cordão umbilical dos dois mundos.

**TELHA** — Barrete invisível só para os que o trazem.

**TELHADO** — Varanda de Julieta, onde miam os Romeus, que às vezes vão apalpar a rua com os lombos, da altura de um quinto andar.

**TEMPESTADE** — “Que miséria! Até me recusou um vestido de seda que levava apenas trinta metros!”

— “Mas, querida, bem vêes que é uma enormidade! Quando nos casamos, gastavas sete metros...”

— “Cale-se aí, monstro! Então, não quer ele que a moda esteja às ordens da sua sordidia! Se lhe parece vista-me com chita de tostão.”

— “Usava-a minha mãe, e...”

— “Que horror! Dá-me para modelo uma velha idiota...”

— “Senhora!”

— “Ó Josefa, leva o meu almoço para o quarto.”

— “Comigo não contes. Vou almoçar e jantar fora.”

### Coro

— “Casem-se, amigas!”

— “Casem-se, amigos!”

— “Que delícias, que prazer!

Antes me eu desse ao demônio.”

— “Dez diabos me levassem

No dia do matrimônio!”

**TEATRO** — Casa de corrupção; paródia do mundo; pelourinho onde se expõem teorias mais ou menos absurdas.

**TEMPESTUOSO** — Domicílio conjugal no dia em que a senhora sente resoar os seus nervos como bordões de viola.

**TEMPO** — Capital que nós julgamos comer, quando é ele quem nos come; o mais fino dos ladrões. Rouba-nos anos de vida, sem que demos por isso.

**TENDEIRO** — Homem que baralha e embrulha tudo.

**TENTAÇÕES** — Para o chinês, ópio; para o indiano, betel; para o turco, café; para o japonês, rasgar a barriga; para o inglês, vinho do Porto; para o francês, canção; para o italiano, macarrone; para o espanhol, touros; para o alemão, cerveja; para o árabe, cavalos; para o norte-americano, excentricidade; para o Brasileiro, Paris; para o português, Brasil.

**TEORIA** — Bexiga de boi assoprada; (POLÍTICA) — Metralhadora do senso comum e dos dinheiros públicos.

**TEÓRICO** — Um ingênuo. Do vivo ao pintado há grande distância.

**TESOURA** — A opinião dos vossos amigos a vosso respeito.

**TESOURO (PÚBLICO)** — Um anêmico; infeliz a quem todos sangram. — Pobre diabo! Os teus médicos são quase sempre da escola do doutor sangrado, e tu não querias entisicar?! Aguenta-te e espera o resto. Quem te comeu a carne, também te há de roer os ossos.

**TIGRE** — Animal a que chamamos feroz... Oh, céus! se as costeletas de carneiro e de vitela falassem!...

**TÍMIDO** — O que furta pouco.

**TINTA (DE ESCREVER)** — Causa de que nem todos sabem servir-se sem se sujar ou sem sujarem os outros; o rio do pensamento, quando corre sobre o papel.

**TINTEIRO** — Monstro prodigioso, de cuja boca saem quase todas as belas maravilhas e todas as aberrações da inteligência humana.

**TITULAR** — Sujeito que se Disfarça.

**TÍTULO** — Acontece frequentemente aos da nobreza o mesmo que aos dos livros. Que desencantamento, quando se conhece o sujeito ou a obra que os trazem! — Carimbo com que os reis marcam os vassallos, como os lavradores

fazem aos gados. — (LITERÁRIO) Papel em que se embrulham muitas nulidades.  
— (DE NOBREZA) Graça pesada, pelo que custa em dinheiro, quando não é também um gracejo pela qualidade do agraciado.

**TOICINHO** — A côdea do porco.

**TOJO** — Gênio de mulher casada, quando não compreende a sua missão na família.

**TOLO** — Homem de espírito, na atualidade. É ele que consegue tudo que deseja; os inteligentes ficam a ver navios no alto de Santa Catharina.

**TORNEIRA** (DE PIPA) — Boca de varia eloquência.

**TOURADA** — Contra-veneno das associações protetoras dos animais.

**TRABALHO** — Gênero depreciado; prêmio a que todos fazem cara na loteria da vida.

**TRANCA** — Fundo de reserva para as ocasiões críticas. Mal empregado não se acudir mais vezes com ela a tanta gente que a precisa!

**TRAPAÇA** — Carambola por tabela.

**TRAVESSA** — Linha de bastardia.

**TREMORES** (DE TERRA) — Sezões perigosíssimas para os que assistem à doente.

**TRIBUNA** — Metralhadora parlamentar.

**TRILO** — Os borborigmos do canto.

**TRINCHADOR** — Sujeito que cria dificuldades a Deus para o dia de juízo.

**TRISTEZA** — Inverno na alma.

**TRIUNFAR** — A arte de fazer dar urros aos colegas.

**TROUXA** — Cabeça feminina.

**TULIPA** — Mulher formosa e estúpida.

**TUMBA** — Caixa de inutilidades.

**TUMULO** — Última vaidade e última insolência do dinheiro. Perguntai aos que dormem sob as criptas soberbas se lá dentro é menos intenso o frio da morte do que no fundo da sepultura humilde, que elas privam do sol.

## U

**UBIQUIDADE** — Ter seis empregos... e não servir nenhum.

**ÚLCERA** — Dívida que se não pode pagar.

**ULTIMATUM** — “Se o não sangrarmos morre hoje.” — “E se o sangrarmos?” — “Poderá viver ainda... até amanhã.”

**ULTRAJE** — “O senhor insulta-me?!”

— “Insulto, sim, senhor.”

— “Isso é sério?”.

— “Muito sério.”

— “Logo vi. Comigo não se brinca. Passe muito bem.”

— “Covarde!”

— “Amália! Fecha a porta depressa! Esse homem que vinha atrás de mim não está bom de cabeça.”

— “Canalha!”

— “Oh! patrão, olhe que ele cuspiu-lhe na cara!”

— “Porcalhão! Fecha... e dá cá um lenço lavado.”

— “O senhor não lhe quebra os queixos?!”

— “Para ele querelar, ou quebrar-me também os meus?! Prefiro o almoço. Põe o fiambre na mesa.”

**ULULAR** — Fingir de Shakespeare ou de Molière.

**ULISSES** — Pantomineiro; raposo de espécie humana; saloio; cigano que negocia em cavalgadas. Todos tem sido vítimas de um ou mais Ulisses na sua vida. Tratem pois de os evitar na ocasião da morte, porque eles são capazes de nos fazer errar a cova.

**UNÇÃO** — Sobre a última receita médica a última receita da igreja.

**UNHADA** — Gracejo felino ou feminino.

**URNA** — Vaso funéreo, para os que ela mata, eleitoralmente falando. Para os vencedores é uma piscina de água de rosas em que muitos se banham... pela primeira e última vez.

**URSO** — Homem namorado.

**USURA** — Cancro que róí a pele à sociedade moderna, com singular indiferença da roída; maneira de descascar gente como se descascam peras.

**UTOPISTA** — Ente inofensivo, quando não tenta impingir aos outros a sua pedra filosofal.

**UVA** — Ternura-mãe.

## V

**VACA** — Animal que se chama boi antes de entrar no açougue.

**VADIO** — Peixe que cai na rede da polícia; artista que prepara um quarto no hospital, na cadeia ou Num asilo, quando não apanha viagem gratuita para o ultramar.

**VAIDADE** — Estado em que a criatura humana se assemelha a um peru arrepiado, ou a uma bexiga assoprada. Outros lhe chamam por isso *peruite* e *bexiguite*; desculpa que cada um dá a si próprio da sua parvoíce.

**VAIDOSO** — Papelão pintado; pessoa que insulta o senso comum.

**VALSA** — Invenção do diabo, que este mete no corpo às mulheres, e que elas passam aos homens.

**VARREDOR (MUNICIPAL)** — O laxante das ruas.

**VELA (ACESA)** — Alma em pena; (APAGADA) — Hibernação.

**VELHACO** — Espécie de garrano de dois pés. Sempre que rincha dá coice.

**VELHICE (HUMANA)** — Bola de sabão prestes a desfazer-se; trapo que nem sempre vem de bom pano; os que a não respeitam, esquecem-se que vão andando para ela, e que desse modo começam a ser dignos de lástima, ainda mais cedo do que aqueles de quem zombam.

**VELUDO** — Gênio de mulher que pretende casar. Livrem-se dele depois de lhe cair o pelo!

**VENALIDADE** — A amiga de ss. ex.<sup>as</sup>! Suba, que os seus amigos estão impacientes por deitar carruagem; escorregadela.

**VENENO** — Atmosfera artificial de Lisboa.

**VENTOINHA** — Pessoa que se forra ao trabalho de ter opinião própria.

**VENTRE** — *Deus ex máquina* de todas as patifarias. Segundo o *Dicionário de sinónimos portugueses*, de José da Fonseca, tem outros significados que a decência do meu livro não tolera. Aquele dicionário, destinado à mocidade, e aprovado pelos nossos sábios, atesta o que se deve esperar do ensino, dos que ensinam e dos que são ensinados, nesta clássica terra da parvoíce. É um acerbo de sandices, próprias para criar sandeus.

**VÊNUS** — Pessoa de má nota, segundo a mitologia grega. Modernamente, criada que aspira aos Martes da guarda municipal.

**VERDADE** — Origem de malquerenças; cão perdido, que anda a fugir de todos com o rabo entre as pernas; pessoa envergonhada diante de saltimbancos; rede de apanhar inimigos.

**VERGONHA** — Vocábulo sem sentido.

**VERME** — Bicho que rói as costas das celebridades. Algumas pessoas lhe chamam inveja.

**VERNIZ (SOCIAL)** — Untura com que se escondem os defeitos da madeira podre.

**VERSATILIDADE** — Flor cultivada no jardim das conveniências.

**VERSO (HARMONIOSO)** — Prelúdio musical. (DURO, OU ERRADO) — Chavelho retorcido.

**VESPA** — Emblema da crítica: o ferrão sem o mel.

**VIAJANTE** — Almocreve de petas; folha levada pelo vento da curiosidade.

**VÍCIO** — Racha na louça; escola de aviltamento; no próximo é tudo quanto em nós são virtudes.

**VIDA** — Farsa, comédia, drama ou tragédia, conforme a interpretação que cada um dá ao seu papel.

**VIDRO** — Reputação de mulher, que qualquer coisa embacia ou quebra.

**VINAGRE** — Em vulgar, vinho de Colares, do que se vende em Lisboa; em estilo campanudo, divórcio.

**VINHA** — Idéia mãe, de onde nasce o pai da desordem.

**VINHO** — Poesia da pipa; espírito que até aos materialistas dá alma quando lhes entra no corpo. É livrar de que ele tome a palavra lá dentro, porque, se fala, vai tudo com os diabos!

**VIRTUDE** — A violeta humana. Floresce na sombra; substantivo feminino, pouco usado.

**VISITA (DE CERIMÔNIA)** — Estréia de botas novas. (DE PESSOA AMIGA) — Sol em dia de inverno; (DE MÉDICO) — Ponto na mortalha; (DE PADRE) — *Consumatum est!*

**VISUALIDADE** — Arte de virar a casaca diante do público.

**VIÚVA** — Pássaro que chora... pela gaiola.

**VIUVEZ** — *De profundis*, que se canta quase sempre com música da ária: “*Oh! querida liberdade!*”

**VIÚVO** — Condenado que obteve comutação de pena.

**VIVEIRO** — Dantes havia-os de plantas, aves, peixes, etc. A sociedade moderna inventou os de patifes, que são muito mais fáceis de aclimatar.

**VOTO** — Artigo de comercio eleitoral; (DE CONFIANÇA) — Corda para enforcar quem o deu.

**VULCÕES** — Bocas da mãe terra. Quando falam de mais vai tudo por ares e ventos; corações de namoradas de anuncio e de teatros particulares. Apagam-se com o casamento.



## W

**WAGON** — Pessoa que tem muitos nomes e apelidos.

**WAGONETE** — Filho de sujeito que traz muitas condecorações. Outros lhe chamam fidalgote.

**WALKIRIA** — Deusa da antiga mitologia escandinava, que designava nos combates aqueles que deviam morrer. Dizem os satíricos que os médicos representam perfeitamente de Walkírias cada vez que receitam. Caluniadores!

**WHIG** — Nome do partido que na Inglaterra se diz defensor da liberdade. Ingrato Portugal! Deves-lhe tanto, e ainda não lhe deste todas as tuas colônias! Deixa estar, sovina, que os liberais *ingleses* tomarão posse delas, sem que tu lh'as dês, para te ensinar como se administra bem.

**WICLEFISMO** — Doutrina do heresiarca Wiclef. Não podia agradar ao ilustre *mendigo* do Vaticano, porque lhe negava a supremacia sobre as outras igrejas, e pregava a vida exemplar e a pobreza.

## X

**XÁ, ou CHÁ** — Uma ladroeira e um envenenamento com que os chinas retribuem a todas as nações do mundo o ópio que só os ingleses lhes impingem.

**XACA** — Anspeçada do exército dos ídolos do Japão.

**XÁCARA** — Deus nos livre das que se fazem hoje imitando as antigas! Já sabem a minha opinião: a respeito de versos, nem mesmo à moda de falar minhota, com *b* e *c* cedilhado. Prefiro-lhes o paio com ervilhas, e até o chouriço com ovos.

**XAMATE** — Asneira que se acha em todos os dicionários da língua portuguesa, e que transcrevo somente para demonstrar que é locução viciosa. É este o primeiro dicionário sério que a restitui à verdadeira pronuncia de XEQUE-MATE. (*Veja adiante.*)

**XAQUE** — Mais asneira pelas razões já ditas. (*Veja XEQUE.*)

**XAQUEMA** — Tecido de que se fazem cilhas às bestas. — “Porque andarão ainda tantas de suspensórios? — perguntaria José Agostinho de Macedo. — Talvez pelo equivoco de trazerem as mãos no ar?”

**XAROPADA** — A maior suavidade da medicina. Apenas estraga o estômago.

**XAROPE** — Discurso do devedor que pede reforma de letra.

**XENOMANIA** — Gosto de estrangeirices, muito peculiar em vários literatos que não sabem a sua língua.

**XEQUE** — Termo de xadrez, quando se anuncia ao parceiro que o rei dele está ameaçado de perigo. Os dicionários portugueses trazem *xaque*, palavra que nunca se pronuncia entre nós; em todo o caso, prefiram os xeques dos bancos aos do xadrez, que eu faço o mesmo.

**XEQUE-MATE** — Último lance do jogo do xadrez, quando o rei vencido fica prisioneiro. Nenhum dos dicionaristas portugueses conheceu até hoje aquele jogo, aliás não escreveriam todos, com automática unanimidade, *xamate*, que ninguém diz, nem disse nunca, em vez de *xeque-mate*. — D. Miguel, em Évora Monte; Napoleão III, em Sedan; D. Carlos, na Espanha; todos levaram *xeque-mate*. A oposição portuguesa deu xeque aos ministros passados, que entregaram a partida, e está hoje aplaudindo outros jogadores. Vejam, mas não atrapalhem. Preparam-se grandes lances, sobretudo se jogarem os bispos! Tomem sempre cautela com os peões. Por se não contar com eles, perde-se muitas vezes o jogo.

**XILOALOES** — Pau que dá o aloés, e que se poderia chamar, com propriedade, *pau de Raspail*. Oh, meus amigos: o aloés é bom; mas não o tomeis nunca sem caldo de ervas. Ele só por si faz cousas de todos os diabos, desde a queimadela até aos rugidos medonhos das feras intestinais!

**XILOFORO** — Cada um dos ministros encarregado de acender e alimentar o fogo sagrado... do amor da pasta.

**XIOLATRA** — Adorador de imagens de pau. Caríssimas devotas de S. Luiz & C.<sup>ª</sup>, bem fazeis vós, que não sois xilólatras, segundo rosnam faladores atrevidos!

**XIPHOIDE** — Nome científico da espinhela. Oh! caros leitores, se ela vos cair alguma vez, procurai-a... neste dicionário.

**XIRA** — Grande comesana à mesa do orçamento.

**XIS** — Segundo um sábio estrangeiro, residente em Portugal, *x* vem de *chin*, que o dito filólogo escreve *xin*. Em questões de tão alta ciência meto a viola no saco.

**XÓ** — Gritem todos, quando virem algum ladrador partir a correr, com grande posta que lhe atiraram para o calar.

**XUPISTA** — Amador de capilé de cavalinho em ponto grande; descobridor de pessoas raras, das que ainda caem.

## Y

**YPSILON** — Um tímido que raríssimas vezes começa alguma coisa por si, e que só aparece quase sempre no meio da multidão.

— Ente inútil, e por isso o mais pobre de entre os vinte e cinco irmãos que lhe deu a arte de escrever. Por mais que eu o apertasse e espremesse, deitou apenas o magro chorume destes dois artigos. Bolas para ele!

*I mas no hai.*

## Z

**ZABUMBA.** — Estilo retumbante de certos discursadores; os versos do senhor X; o elogio do senhor I feito pelo senhor Z.

**ZAGAL** — Pessoa que fala à maneira dos heróis de Florian.

**ZANGÃO** — Ingênuo que faz livros com versos alheios.

**ZANGARREAR** — Falar ou escrever contra nós.

**ZÃOZÃO** — Discurso laudativo.

**ZARCÃO** — Pérfido auxiliador do tempo nas caras das bailarinas.

**ZÁS!** — O que precisam os patifes que nos roem a pele.

**ZELADOR** — Pessoa útil... a si.

**ZIGUEZAGUE** — Maneira de ir mais depressa.

**ZOMBARIA** — Pulga do espírito.

**ZURRAR** — Tomar a palavra, sem a pedir primeiro.

**ZT** — Causa que passa diante da nossa vista com a rapidez de um pássaro. E modo por que eu me despeço do leitor:

**ZT!**

# NOTA FINAL

## OU A

### ÚLTIMA PALAVRA DA CIÊNCIA

Amáveis leitoras e benévolos leitores: — O homem que acaba de dotar tão generosamente a nação portuguesa, e também a Brasileira, com obra de tamanho préstimo e valia, pede-vos que não a largueis da mão sem vos terdes deliciado com estas linhas, que são remate e coroa do edifício consagrado à vossa admiração e regozijo.

Congratulai-vos comigo, povos d'aquém e d'alem mar! O monumento está concluído. Apesar das dificuldades da empresa, foi levado ao cabo pela energia da vontade e pelo poder maravilhoso do gênio, que o levantou sobre alicerces de diamante. A fama vai tomar conta dele para o tornar eternamente célebre; e os editores disputarão, de faca em punho, a honra de o reimprimir cinquenta vezes por ano.

Oh! glória! oh! loureiros e palmares... onde tendes rama que chegue para tal triunfo?!

Jornalistas ilustres, aparai as vossas penas; academias e institutos científicos, abri as vossas portas; povos, que vos prezais de civilizados, saudai o Dicionário de João Fernandes!

— Viva João Fernandes! — Ouço eu já daqui gritar às multidões entusiasmadas.

— Viva!

— Mas quem é João Fernandes?!

A esta pérfida e insidiosa pergunta cala-se tudo; os sábios entreolham-se de boca aberta; e os outros suspendem a respiração, receando serem eles os predestinados. Por fim, responde uma voz:

— João Fernandes é um grande homem!

— Imenso! — apóia outra.

— Incomensurável! — acode terceira.

— Sublime!

— Único!

— Engraçadíssimo!

— Sapientíssimo!

— Imortalíssimo!

— Foi ele quem mandou dar para baixo no povo, à porta do Passeio Público.

— E quem matou o projeto da avenida para o Campo Grande.

— E quem levantou a questão dos muros...

— E quem embirra com as grades...

— E quem diz...

— Bolas, meus amigos! bolas! — exclama o autor do Dicionário. — Essas obras são de outros Joões Fernandes; não confundam a minha com as dos meus colegas. Todos somos de grande força; mas eu não trato as cousas tanto em absoluto. É verdade que não deixei ir o Polifemo com um só olho, no artigo *orçamento*; que deixei escorregar a mão, às vezes sem querer, no modo por que tratei os meus amigos médicos, a medicina e a botica, que Deus afaste da minha porta por todos os séculos dos séculos, amém; que escovei soavelmente a poesia e a política; e que fui assaz sincero com as mulheres... Porém nada disso vos autoriza para me impingirdes filhos alheios. Que se aguente cada João Fernandes desta terra com os seus feitos. O meu é este. Vanglorio-me dele; e, atendendo a que não convém alargar mais o cavaco, declaro-o a última palavra da ciência, e recomendo-vos que o elogieis com alma, se não quiserdes fazer má figura passando por ignorantes em matéria de gosto.

No fim deste discurso recrudescer o entusiasmo, repetem-se os vivas e quebram-se à pedrada as vidraças de todos os livreiros que não tem o *Dicionário* à venda. O autor, enternecido com essas demonstrações, diz modestamente, começando a fazer a barba a si:

— Já vêem que não sou dos tais Joões Fernandes de três ao vintém...

— Não — acodem os fanatizados; — é dos de pataco!

— Macanjo. — rosna um patife que não gostou do livro.

— Olhem esse maroto que está a dizer mal de mim!

— Quem foi?!

— Que é dele?!

— Caluniador!

— Invejoso!

— Víbora danada!

E a multidão invade a casa do autor, pega nele e passeia-o em triunfo pela cidade, com meia cara rapada, e a outra meia com barba de três centímetros coberta de espuma de sabão. Este pormenor comove o resto da população de Lisboa, que segue imediatamente o triunfador.

Ouve-se grande algazarra nas livrarias e vendem-se dez mil exemplares da obra em dez minutos. Vendo este sucesso, o tal sujeito, que falara em macanjo, chega-se ao pé do autor e diz-lhe, fulo de raiva:

— Eu chamo-me a crítica... e vou fazer-te o resto da barba.

— Pois faze, mas compra o livro.

O povo, que percebe a cousa, salta por cima da crítica, esborracha-a e esgota o resto da edição — outros dez mil exemplares!

João Fernandes volta rico para casa, e grita de longe à família:

— Dei-a em cheio! “Posteridade, és minha!”

E caio pano.